



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

IZABELA SOUZA TEIXEIRA LIMA

**ARTESANATO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS ÁGUA
BRANCA – AL (2010-2018): CULTURA E/OU SUSTENTABILIDADE?**

Delmiro Gouveia - AL

2018

Izabela Souza Teixeira Lima

**ARTESANATO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS ÁGUA
BRANCA – AL (2010-2018): CULTURA E/OU SUSTENTABILIDADE?**

Trabalho de conclusão de curso (TCC),
requisito para grau acadêmico em Licenciatura
em História, na Universidade Federal de
Alagoas – Campus do Sertão.

Orientadora: Prof^a. Dra^a. Carla Taciane
Figueiredo.

Delmiro Gouveia - AL

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

L732a Lima, Izabela Souza Teixeira

Artesanato da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas Água Branca – Al (2010-2018) : cultura e/ou sustentabilidade? / Izabela Souza Teixeira Lima. – 2018.

63 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2018.

1. História. 2. Quilombolas. 3. Água Branca – AL. I. Título.

CDU: 93

Folha de Aprovação

Izabela Souza Teixeira Lima

ARTESANATO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS ÁGUA BRANCA – AL (2010-2018): CULTURA E/OU SUSTENTABILIDADE?

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
submetido ao corpo docente da
Universidade Federal de Alagoas –
Campus do Sertão. Em 09 de novembro
de 2018.

Banca Examinadora:

Carla Taciane Figueiredo

Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo – Orientadora
UFAL – Campus do Sertão

Sara Angélica Bezerra Gomes

Profa. Msc. Sara Angélica Bezerra Gomes - Avaliadora Interna
UFAL – Campus do Sertão

Prof. Msc. Ricardo de Almeida – Avaliador Externo
UFAL- UAB

A Deus; por sua graça de me conduzir nessa trajetória, a minha mãe e ao meu pai que são minhas maiores de inspiração de vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que me conduziu nessa caminhada.

Aos meus pais Maria Ivanilda Souza Lima e Vanildo Teixeira Lima que foram pacientes, compreensivos e me deram força e incentivo ao longo desses anos. Eles que são meus maiores inspiradores de vida. Aos meus cinco irmãos Samuel Souza, Mauricio Souza, Vagner Souza Teixeira Lima, Valmir Souza Teixeira Lima (*in memoria*) e Izabel Cristina Souza Teixeira Lima por todo incentivo e amor.

Agradeço ao meu Noivo Tiago Manoel dos Reis que sempre esteve ao meu lado me incentivando a cada dia, pela paciência, por esta comigo nos momentos delicados da vida, por cada momento que me impulsionou a continua trilhando essa trajetória acadêmica e por compreender as minhas escolhas. A minha família por sempre esta ao meu lado com palavras de incentivos e por acreditarem na realização de um dos meus sonhos.

Agradeço imensamente a minha orientadora Carla Taciane Figueiredo pela disponibilidade nas orientações, toda paciência e dedicação para que comigo. Um ser humano incrível que sempre me motivou e acalmou nas suas falas. As minhas amigas que compartilharam de muitos momentos dessa longa caminhada, e que sempre demonstraram felizes por minhas conquistas. Especialmente as minhas “amoras” que sempre estiveram ao meu lado.

Aos artesãos e moradores da comunidade quilombola Serra das Viúvas que me acolheram com todo amor e carinho. Obrigada por toda receptividade e auxílio nessa caminhada e especial as entrevistados Maria Isabel, Marlene de Araújo, Isabel Oliveira dos Santos e Rosilaine Oliveira dos Santos.

A todos os professores que fizeram parte dessa trajetória acadêmica e que cada um de sua forma contribuiu para a minha formação. Enfim agradeço a todos aqueles que participaram desses longos anos de caminhada para a realização de um grande sonho.

Gratidão a todos.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender o artesanato da comunidade quilombola Serra das Viúvas localizada no município Água Branca - Alagoas, especificamente investigou sobre a dimensão sustentável e/ou cultural presente no desenvolvimento do artesanato e por fim caracterizou-se a presença de traços identitários na fabricação dos produtos. A comunidade quilombola Serra das Viúvas tem uma grande riqueza cultural, dentre elas o destaca-se a produção artesanal. Possui um entendimento sobre a questão cultural dentro da sua comunidade expandindo para todos que querem conhecer, dentro como base a sua história dentro da sua comunidade. A metodologia utilizada na pesquisa foi a pesquisa participante, utilizando inicialmente a pesquisa bibliográfica, documentos oficiais, complementando com instrumentos de produção de dados tais como entrevistas e documentários. Utilizando como fonte de pesquisa os autores, Ignacy Sachs (2009) e Enrique Leff (2011) referindo a questão de sustentabilidade, Peter Burke (2008), Laraia (2009) e Terry Eagleton (2003), discutindo o conceito de cultura, Pedro Demo (2011), na seção sobre as perspectivas dos procedimentos metodológicos, Ana Márcia Farias (2007) ambas discutindo as comunidades quilombolas de Alagoas, Maria Marly de Oliveira (2012), Marieta de Moraes Ferreira (2006) referindo sobre a história oral e José Carlos Sebe Bom Meihy (2011) discuti sobre fonte oral e as entrevistas. Esses autores contribuíram para facilitar o diálogo entre a realidade sócio ambiental do artesanato na serra das viúvas e a perspectiva cultural inerente aos produtos. Os resultados atingidos demonstram que a importância do artesanato e a sua valorização na sociedade ocorre desde a retirada da matéria prima até o produto final. Com relação à questão ambiental a comunidade possui o projeto *Caminho Verde* que mostra a preocupação com as questões ambientais e culturais, são encontros semanais que vão da teoria a prática. A conscientização desde a infância sobre a importância do bem natural faz com que ocorra a sustentabilidade de maneira natural por aqueles que morram na comunidade. Percebe-se que a produção obedece à lógica transgeracional.

PALAVRAS-CHAVE: artesãos, cultura, consciência ambiental, comunidade quilombola.

ABSTRACT

This study aims to understand the craft of the quilombola community Serra das Viúvas located in the municipality Água Branca - Alagoas, specifically investigated the sustainable and / or cultural dimension present in the development of handicrafts, and finally, the presence of traces of identity in the production of the products. The quilombola community Serra das Widows has a great cultural wealth, among them the artisan production stands out. Have an understanding of the cultural issue within your community by expanding it to everyone you want to meet, based on your story within your community. The methodology used in the research was the participant research, initially using bibliographical research, official documents, complementing with data production instruments such as interviews and documentaries. As a source of research the authors Ignacy Sachs (2009) and Enrique Leff (2011) referring to sustainability, Peter Burke (2008), Laraia (2009) and Terry Eagleton (2003), discussing the concept of culture, Pedro Demo (2011), in the section on the perspectives of methodological procedures, Ana Márcia Farias (2007), both discussing the quilombola communities of Alagoas, Maria Marly de Oliveira (2012), Marieta de Moraes Ferreira (2006) referring to oral history and José Carlos Good Shepherd Meihy (2011) discussed oral source and interviews. These authors contributed to facilitate the dialogue between the socio-environmental reality of handicrafts in the widows' range and the cultural perspective inherent in the products. The results show that the importance of craftsmanship and its valorization in society occurs from the withdrawal of the raw material to the final product. With regard to the environmental issue, the community has the Green Path project that shows concern about environmental and cultural issues, weekly meetings ranging from theory to practice. Awareness since childhood about the importance of the natural good causes sustainability to occur naturally for those who die in the community. It is perceived that production obeys transgenerational logic.

KEY WORDS: artisans, culture, environmental awareness, quilombola community.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa das comunidades Quilombolas de Alagoas	24
Figura 2: Vista da serra das viúvas	29
Figura 3: Capela Santa Cecília	31
Figura 4: Bolsas e chapéu produzidos pelos artesãos.....	32
Figura 5: Almofada e cestos produzidos da palha do ouricurizeiro.	32
Figura 6: Bolsa de palha com detalhes em crochê.	33
Figura 7: Cestos, jarros, vassoura e bolsa.....	34
Figura 8: Casa de Farinha.....	35
Figura 9: Tapete em palha.	36
Figura 10: Matéria prima e produto final.	38
Figura 11: Construção do centro cultural.	40

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO II: DISCUTINDO OS ASPECTOS CULTURAIS E A SUSTENTABILIDADE NA PRODUÇÃO ARTESANAL DA SERRA DAS VIÚVAS ..	12
2.1 Historicizando a cultura.....	12
2.2 Discutindo a sustentabilidade	16
CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
CAPÍTULO IV - UMA HISTÓRIA NO ALTO DA SERRA: CONHECENDO UM POUCO A HISTÓRIA DE UM LUGAR E DE UMA COMUNIDADE	23
4.1 Comunidades quilombolas	25
4.2 Serra das viúvas	28
CAPÍTULO V: UM OLHAR SOBRE OS ARTESÃOS E O ARTESANATO NA COMUNIDADE.....	32
5.1 Valorização do artesanato.....	41
CAPÍTULO VI: ENTREVISTAS E ANÁLISE DE DADOS	43
6.1 Entrevistas: comunidade quilombola serra das viúvas	43
6.2 Análise de dados	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXOS	59

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Nesse primeiro capítulo apresento a introdução da pesquisa, o objeto de estudo fundamentou-se a partir do olhar de encantamento sobre a cultura da comunidade serra das viúvas, principalmente com o contato e ênfase no artesanato produzido com a matéria prima oriundas da própria serra, constituindo assim, uma das riquezas culturais que marcam o cotidiano, a identidade e representação da comunidade. Observa-se as dificuldades na produção artesanal de alguns artesãos na sociedade, buscando analisar o artesanato da comunidade e a sua importância cultural, produção, qual a origem da matéria prima utilizada na produção do artesanato. Assim, possibilitando um conhecimento científico através do estudo realizado.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar a produção do artesanato da comunidade quilombola serra das viúvas Água Branca - Alagoas e o seu processo histórico. Especificamente identificar o artesanato da comunidade, e compreender os aspectos culturais e identitários presentes nos produtos. E por fim investigar os processos de sustentabilidade presentes na produção do artesanato.

Os artesãos encontram dificuldades para a valorização e reconhecimento do artesanato que é produzido na comunidade pelas pessoas que fazem parte da mesma, nesse sentido é necessário apresentar para a sociedade a importância de cada peça que é confeccionada e o modo que é feito a retirada da matéria-prima até o produto final.

O processo de produção inicia-se com a obtenção e retirada da matéria-prima, passando pela secagem e assim dando início a cada peça que será confeccionada, por mãos que conduzem cada trançado dando forma às peças produzidas. A comunidade Serra das Viúvas é reconhecida pela sua importância histórica, riquezas culturais e representatividade no sertão alagoano tendo em vista remanescente de quilombo.

Os procedimentos metodológicos estruturam-se na pesquisa participante utilizando inicialmente a pesquisa bibliográfica, documentos oficiais, complementando com instrumentos de produção de dados tais como entrevistas e documentários. Durante a pesquisa estive acompanhando as atividades artesanais sendo feita de forma individual ou coletiva, interagindo com as pessoas da comunidade e obtendo informações sobre a produção do artesanato na comunidade quilombola Serra das Viúvas. A finalidade da pesquisa foi compreender os princípios sustentáveis na produção artesanal das peças e o processo histórico inerente a comunidade.

No segundo capítulo “Discutindo os aspectos culturais e a sustentabilidade na produção artesanal da serra das viúvas” apresentam-se as bases teóricas que foram utilizadas nessa pesquisa, como Ignacy Sachs (2009), Enrique Leff (2011), Peter Burke (2008), Laraia (2009) entre outros. Trazendo a compressão sobre a sustentabilidade e história cultural.

A cultura é apresentada por Terry Eagleton (2003) como significado mediado pelo crescimento natural, assim uma ponte sobre o natural e o artificial, fazendo-nos pensar na contribuição natural no mundo, o que o meio natural nos oferece e o que estamos fazendo para esse mundo. A cultura tem vários pontos de partidas, sendo associada à história de um povo, cada um possuindo a sua identidade, a sua cultura. Laraia (2009) mostra um conhecimento que é acumulado ao longo do tempo por cada povo, mostrando que a cultura surge com conhecimentos que diferencia o homem dos outros animais.

Inserindo no capítulo a sustentabilidade vista por Ignacy Sachs (2009) e Enrique Leff (2011). Sachs (2009) traz os princípios básicos como uma nova proposta que é o “ecodesenvolvimento”. “[...] o **ecodesenvolvimento**, que propõe ações que explicitam a necessidade de tornar compatíveis a melhoria nos níveis de qualidade de vida e a preservação ambiental”. (SACHS, 2009, p.176).

Sachs (2009) ressalta a importância de conservação da natureza, o valor que a natureza tem e seus desenvolvimentos naturais que se transformam. Segundo o mesmo para que ocorra o desenvolvimento sustentável é necessário que se pense em estratégias para dialogar com as transformações que ocorrem no mercado.

Enrique Leff (2011) traz a questão sustentável no contexto de globalização, definido o desenvolvimento para que fosse permitido satisfazer as necessidades do atual sem o comprometimento das futuras gerações.

No terceiro capítulo “Procedimentos metodológicos” apresentam-se os “procedimentos metodológicos” que foram utilizados nessa pesquisa, a pesquisa participante, utilizando inicialmente a pesquisa bibliográfica, documentos oficiais, complementando com instrumentos de produção de dados tais como entrevistas e documentários, contando com os relatos de pessoas da comunidade serra das viúvas. As entrevistas foram no tempo presente com gravações, sendo registrado todo acontecimento que surge durante a entrevista, as expressões, os ruídos registrando as ideias a serem utilizadas na pesquisa.

O quarto capítulo “Uma história no alto da serra: conhecendo um pouco sobre a história de um lugar e de uma comunidade” discute sobre as comunidades quilombolas a forma como eram vistas, o processo de resistência e a visão nos dias atuais enquanto comunidades que resistiram e que ao longo do tempo buscaram resgatar sua identidade, tendo

em vista os seus direitos. Reflete-se a história da comunidade e os seus aspectos geográficos, social e cultural. Trazendo de forma breve a história da cidade de Água Branca – Alagoas município no qual a comunidade serra das viúvas está localizada. A comunidade quilombola serra das viúvas está localizada a aproximadamente 4 km do centro da cidade de Água Branca – Alagoas.

No quinto capítulo “Um olhar sobre os artesãos e o artesanato na comunidade” discute sobre os artesãos na comunidade e o artesanato que é produzido por eles, o seu aspecto cultural, os materiais (matéria- prima) que são utilizados na produção do artesanato e de qual forma os artesãos trabalham enquanto comunidade e associação. E de que modo acontece a valorização dos produtos produzidos pela comunidade. Entres tantas riquezas que existente na comunidade Serra das viúvas, o artesanato é parte da história dos moradores fazendo parte do seu dia a dia como a cultura e fonte de renda extra para as famílias.

No sexto capítulo “Entrevistas e análise de dados” encontram-se as entrevistas que foram feitas com quatro moradores da comunidade que fazem parte da (AMAQUI) Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas e a análise de dados foram realizadas a partir do diálogo com o referencial teórico e as informações obtidas com as técnicas de história oral com os sujeitos investigados. Nessa discursão de dados encontram-se quadros estruturados (adaptação dos estudos toponímicos) com as entrevistas que foram realizadas durante as visitas de campo que fiz a comunidade quilombola serra das viúvas Água Branca -Alagoas.

CAPÍTULO II: DISCUTINDO OS ASPECTOS CULTURAIS E A SUSTENTABILIDADE NA PRODUÇÃO ARTESANAL DA SERRA DAS VIÚVAS

Esse presente trabalho tem como tema *Artesanato Da Comunidade Quilombolas Serra Das Viúvas Água Branca – Al (2010-2018): Cultura e/ou Sustentabilidade?* Assim sendo alguns autores que norteiam o referencial teórico são: Terry Eagleton (2003), Ignacy Sachs (2009) entres outros que apresentam discursões sobre cultura, quilombos e sustentabilidade.

Na obra “A Ideia de Cultura” Terry Eagleton (2003, p. 11/12) discute as versões sobre a cultura, a concepção demonstra as derivações terminológicas da cultura, e afirma que “do ponto de vista etimológico a cultura é um conceito que deriva da natureza”.

A cultura é apresentada como um significado mediado pelo crescimento natural, fazendo uma ponte entre artificial e o natural. Colocando-nos a pensar no mundo e as contribuições do meio natural, sobre o que o mundo nos faz e em contrapartida o que estamos fazendo para esse mundo. Terry (2003) cita o *Conto de Inverno* de Shakespeare, pronunciado por Polixenes para explicar essa forma de transformação da natureza por meio da cultura.

Não há melhor forma de melhorar a natureza
Do que aquela que a natureza faz formar; por isso, além dessa arte
Que dizes crescer à natureza existe uma arte
Que a natureza faz... É uma arte
Que conserta a natureza — ou melhor, altera-a.
A própria arte, porém, é natureza. (Acto IV, cena IV- Shakespeare).
(EAGLETON 2000, 1.a edição: Março de 2003 p. 13).

Uma matéria prima que é trabalhada e transformada em produtos pelas mãos de humanos, a cultura sendo vista como uma condução que transforma a natureza. As modificações que acontecem na natureza são por meio de trabalhos humanos criando uma relação entre o homem e a natureza buscando aprendizado para envolve-se nas situações ambientais com relação à vida.

2.1 Historicizando a Cultura

A cultura tem vários pontos de partidas, sendo compreendida associada a história de um povo, a cultura assume termos diferentes, mas que tem em seus significados algo em comum. Cada grupo possui a sua cultura, esta, por sua vez está inserida na identidade.

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Com esta definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos (LARAIA, 2009, p. 25).

Segundo Laraia (2009), o conhecimento acumulado ao longo da história é o que vai separar o homem dos outros animais, nesse sentido a cultura surge como propósito de conhecimentos, crenças, arte, moral, leis e costumes e outras aquisições na sociedade.

A cultura é de primordial na formação da identidade comunitária a afirmação através dos conhecimentos e utilização no contexto na qual está envolvida. "Em 1871, Tylor definiu cultura como sendo "todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje" (LARAIA, 2009, p. 28).

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2009, p. 45).

Segundo Roque Laraia (2009) a natureza cria indivíduos inteligentes, mas é preciso que ela coloque ao alcance materiais que possam fazer com que esses indivíduos pratiquem sua criatividade. Exercitando-a de forma revolucionária por esses indivíduos.

No livro "*Cultura Um Conceito Antropológico*" Laraia (2009) traz pontes de diálogo com as contribuições de Kroebe para que possamos pensar de forma ampla sobre a cultura, trazendo oito definições:

1. A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações.
2. O homem age de acordo com os seus padrões culturais. Os seus instintos foram parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo por que passou. (Voltaremos a este ponto mais adiante).
3. A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Em vez de modificar para isto o seu aparato biológico, o homem modifica o seu equipamento superorgânico.
4. Em decorrência da afirmação anterior, o homem foi capaz de romper as barreiras das diferenças ambientais e transformar toda a terra em seu hábitat.
5. Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas.

6. Como já era do conhecimento da humanidade, desde o Iluminismo, é este processo de aprendizagem (socialização ou endoculturação, não importa o termo) que determina o seu comportamento e a sua capacidade artística ou profissional.

7. A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.

8. Os gênios são indivíduos altamente inteligentes que têm a oportunidade de utilizar o conhecimento existente ao seu dispor, construído pelos participantes vivos e mortos de seu sistema cultural, e criar um novo objeto ou uma nova técnica. Nesta classificação podem ser incluídos os indivíduos que fizeram as primeiras invenções, tais como o primeiro homem que produziu o fogo através do atrito da madeira seca; ou o primeiro homem que fabricou a primeira máquina capaz de ampliar a força muscular, o arco e a flecha etc. São eles gênios da mesma grandeza de Santos Dumont e Einstein. Sem as suas primeiras invenções ou descobertas, hoje consideradas modestas, não teriam ocorrido as demais. E pior do que isto, talvez nem mesmo a espécie humana teria chegado ao que é hoje. (LARAIA, 2009, p. 48 e 49).

Essas discursões sobre cultura trazida por Laraia (2009) se relaciona com o objeto de estudo, porque o artesanato também é visto como cultura.

Segundo Laraia (2009) a participação dos indivíduos em sua cultura quando inseridos na sua localidade é vivenciada de acordo com a sua idade, assim não participam de toda a sua cultura, existindo explicações cronológicas e culturais.

As restrições pela idade, no qual verá se a criança esta apta ou não para as tarefas, sendo que os outros são formas que se relacionam com outras questões. O indivíduo não domina todos os aspectos culturais que envolvem seu grupo. De acordo com Marion Levy Jr (2009) isso acontece porque os sistemas de socialização não são perfeitos, sendo assim os indivíduos não são igualmente socializados em todos os aspectos da sua sociedade.

Um das referências utilizadas para refletir sobre cultura foi o livro *“O que é história cultural?”* de Peter Burke, fazendo com que possamos compreender a história, os comportamentos que interliga os humanos, a partir de um conhecimento histórico trazido por Burke (2008). Para Peter Burke (2008) a história foi redescoberta no de 1970, no qual chamou de NHC (Nova História Cultural), uma nova fase da história cultura tratando da “descoberta da história cultural”, “o que é história?” e o que os historiadores culturais fazem.

A história cultural não é uma descoberta ou invenção nova. Já era praticada na Alemanha com esse nome (Kulturgeschichte) há mais de 200 anos. Antes disso havia histórias separadas da filosofia, pintura, literatura, química, linguagem e assim por diante. A partir de 1780, encontramos histórias da cultura humana ou de determinadas regiões ou nações. (BURKE, 2008, p. 15).

Burke (2008) faz uma história da história cultural trazendo três momentos importantes a “História Cultural 1800-1950”, “História Popular 1950-1960” e a “Nova História Cultural a partir de 1970”. Passeando por diversos países e cita diversos autores.

Como Burckhardt observa em 1882 que a história cultural tinha um conceito vago que é utilizado para destinar a “alta” cultura como era denominando no geral para as artes e ciências, sendo estendido após um tempo para a “baixa” cultura, incluindo a cultura popular. Sendo ampliando para lados diferentes do que de início o termo se referenciava, começando a ser empregado na descrição popular”. [...]. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversas, ler, jogar)” (BURKE, 2008, p. 43).

O autor traz as fontes, os métodos e os tratamentos que os historiadores desse campo tiveram que enfrentar durante esse tempo, mostrando a dificuldade em definir “cultura” e “popular”. Seguindo mostrando a aproximação entre historiadores e antropólogos que segundo Burke (2008) foi fundamental para que se entendesse a cultura de forma plural.

Peter Burke (2008) traz em um dos seus capítulos que o entrelaçamento entre a história cultural pode ser divididas em quatro fases são elas: história clássica, história social da arte história cultural popular e Nova História cultural, porém elas não eram tão claras em suas e suas divisões.

A ideia de história cultural foi usada de maneira ampla e com mais visibilidade nas décadas de 1980 e 1990, porém sofreu efeitos em diferentes disciplinas e em seus significados. A palavra cultural distinguir as fases da história fazendo com que possa observar as diferenças que existem pela palavra “cultural”.

Peter Burke faz uma exploração pelos principais nomes da história cultural citando entre eles Pierre Bourdieu e Michael Foucault fazendo um estudo intenso sobre memória e nos últimos capítulos Burke (2008) fala da NHC (Nova História Cultural) praticada pelo mesmo desde anos 70. Um olhar para determinadas desconstruções do termo cultura de uma forma ampla dos métodos e objetos empregados pelos historiadores dessa área fazendo uma avaliação do que já pode ser notado. “[...] uma maneira de definirmos nossa identidade, talvez a principal, seja em contraposição ao “outro” em primeiro lugar aos vizinhos. Essa forma de definição é válida tanto para disciplinas quanto para nações. Também elas têm seus “campos”, suas culturas, suas tribos e territórios”. (BURKE, 2008, p. 170).

A história cultural é multidisciplinar começando a se expandir em diferentes locais, desenvolvendo-se e fazendo com que possamos ter um contato com o “outro” nas suas culturas dentro do seu território conhecendo um lugar e cultura, novos conhecimentos dentro

de seus “campos”. Para, além disso, a interdisciplinaridade também se faz presente na produção do conhecimento histórico, iniciado desde a revolução historiográfica da terceira geração das Escolas dos Annales no século XIX.

2.2 Discutindo a Sustentabilidade

Uma das categorias a serem estudadas nessa pesquisa é a sustentabilidade. No artigo “Meio Ambiente e Sustentabilidade: o complexo desafio da sustentabilidade” Pedro Jacobi em “O Município No Século XXI: Cenários E Perspectivas” (1999) traz as discursões de Ignacy Sachs. A discussão do conceito de sustentabilidade surge para enfrentar a crise no meio ambiente. Sachs (2009) formulou princípios básicos a partir das extensões do “ecodesenvolvimento” a “sustentabilidade social”, “sustentabilidade ecológica”, “sustentabilidade espacial”, “sustentabilidade econômica” e “sustentabilidade cultural”. Como toda complexidade, essas dimensões na qual Sachs faz uma leitura em torno desse desenvolvimento com uma nova proposta que é o “ecodesenvolvimento”. “[...] o **ecodesenvolvimento**, que propõe ações que explicitam a necessidade de tornar compatíveis a melhoria nos níveis de qualidade de vida e a preservação ambiental”. (SACHS, 2009, p.176)

Na obra “Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável”, Sachs ressalva a importância que é a conservação da natureza, assim analisando uma diminuição de gastos da natureza, sendo uma continuidade das “Idéias Sustentáveis”, no qual apresenta três importantes artigos.

Ignacy Sachs descreve o valor da natureza que foi uma das descobertas mais importantes, o grande desenvolvimento para as transformações que ocorrem na natureza. A compreensão desse valor é necessária dialogar com o valor da tecnologia. No artigo “Rumo a uma Moderna Civilização Baseada em Biomassa” informa que as principais civilizações dependiam de produtos da biomassa para se alimentar e até mesmo na questão de outros materiais que seriam importantes para todos.

Sachs (2009) no artigo “Pensando Sobre o Desenvolvimento da Era do Meio Ambiente” apresenta que o desenvolvimento sustentável esta em outra linha em relação às forças do mercado, no qual os mercados visam apenas à questão lucrativa. Para que aconteça o desenvolvimento sustentável é necessário que se tenha estratégias entre diversos meios e lugares.

O desenvolvimento sustentável é um desafio planetário. Ele requer estratégias complementares entre o Norte e o Sul. Evidentemente, os padrões de consumo do Norte abastado são insustentáveis. O envelhecimento do Norte implica uma mudança no estilo de vida, lado a lado com a revitalização dos sistemas tecnológicos. (SACHS, 2009 p.58).

Ao final nos seus anexos Sachs (2009) traz os “Critérios de Sustentabilidade” são oito critérios enumerados e explicados: Social, cultural, ecológico, ambiental, territorial, econômico, política (nacional) e política (internacional).

De acordo com Sachs (2009) o critério *Social* apresenta-se para a redução das diferenças sociais, buscando igualdades entre pobres e ricos onde devem ter o mesmo acesso aos recursos, a *Cultural* busca o equilíbrio entre as diferenças culturas, tendo abertura para novos conhecimentos, *Ecológica* encontrar novos equilíbrios para a preservação da natureza, o *Ambiental* respeitar o ambiente e a suas limitações, o *Territorial* melhores moradias para áreas frágeis para que se tenha um melhor desenvolvimento, *Econômico* para que possa ter uma economia equilibrada, na *política (nacional)* é preciso ter coesão social e um desenvolvimento para implantações de projetos com parcerias e *política (internacional)* é necessária que se tenha um sistema para a preservação das guerras e através desde seja promovida a paz, que se tenha assim um controle no sistema financeiro. Na pesquisa foi possível observar na comunidade e produção artesanal os critérios, social, ambiental, político, econômico e cultural.

Sachs (2009) e Leff (2011) apresentam bases e formas sustentáveis para que ocorra uma compreensão sobre o desenvolvimento fazendo-nos pensar nas necessidades de cada indivíduo e em contrapartida nos questiona o que a sociedade esta fazendo para se desenvolver sem causar danos ao meio ambiente. O conhecimento do meio natural, buscando equilíbrio entre ambos. Essa discursão é importante para a pesquisa, por conta do novo que preconiza a importância das questões sustentáveis na produção.

Enrique Leff (2011) apresenta a forma de como foi o início da questão da sustentabilidade no contexto de globalização, no qual a crise ambiental questionava a racionalidade que por sua vez crescia com a economia, assim negando a natureza. E afirma: “A sustentabilidade ecológica aparece assim como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para chegar a um desenvolvimento duradouro, questionado as próprias bases de produção”. (LEFF, 2011, p. 15). O desenvolvimento foi assim definido para que fosse permitido satisfazer as necessidades do mundo atual o que cada individual precisa para a sua sobrevivência, mas sem comprometer as gerações futuras.

CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As investigações baseiam-se nas técnicas de contato com a comunidade Serra das Viúvas, utilizando inicialmente a pesquisa bibliográfica, documentos oficiais (certificação de comunidade quilombola), complementando com instrumentos de produção de dados tais como entrevistas e documentários “*Água Branca Um Olhar Sobre as Comunidades da Serra*” (Ponto de Cultura Engenho da Serra, *Água Branca* 2011) e “*Somos Quilombolas*” (Ponto de Cultura Engenho da Serra, outubro de 2013)), dando evidência aos diálogos, acompanhamento nas atividades cotidianas, seja ela individual ou coletiva. Buscando informações do presente e da memória.

Segundo os autores José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda do livro “História oral: como fazer, como pensar” as entrevistas na história oral, os procedimentos são feitos no tempo presente com gravações, envolvendo as expressões e registrando as ideias que tem interesse no projeto. Chamando as entrevistas dentro da história oral uma documentação oral que é expressa para o suporte do material utilizado nas pesquisas, tendo o propósito de ser utilizada como fonte de pesquisa. Nesse sentido, a história oral pode ser definida como conjunto de fontes orais, na qual a mais conhecida é a entrevista.

Fonte oral é mais que história oral. Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de músicas, absolutamente tudo o que é gravado e preservado se constitui em documento oral. Entrevista, porém, é história oral em sentido estrito. (MEIHY, 2011, p.13).

De acordo com o livro “História oral: como fazer, como pensar” a história oral é soma de atitudes que são pensadas em forma conjunta, que tem início na elaboração de um projeto que tem a sua continuidade com as entrevistas que são feitas com pessoas que colaboram com seu projeto.

A entrevista contém um planejamento como a condução da entrevista, as gravações, os locais, o tempo de duração, a transcrição, a autorização para o uso das entrevistas e a publicação que antes de ser publicada deve voltar ao grupo que deram as entrevistas. A entrevista em um diálogo entre pelo menos duas pessoas, uma conversa que tem uma relação de gravações, a história oral é feita pelo contato direto com as pessoas e a maneira e forma com que a entrevista ocorre interfere nas formas de narrações.

Deve-se se manter um diálogo de forma espontânea entre o entrevistador e entrevistado, sendo confortável para ambos, o entrevistado sendo assim um colaborador. Na

entrevista um senti o outro, olhos nos olhos, expressões, o teor emotivo que é percebido, não se limitando as vozes. É necessário compreender tudo que está acontecendo naquele momento, às relações e lembranças que são passadas para o entrevistador.

Durante as entrevistas na serra das viúvas ficou perceptível nas palavras e expressões do entrevistado, um sentindo, e muitos momentos ficaram evidentes o envolvimento emocional presenciada durante toda a entrevista, os risos, as pausas em meio aos pensamentos sobre as perguntas que foram feitas, as expressões durante as entrevistas são fortes em cada rosto.

A história oral tem cinco passos principais que são os momentos elaboração do projeto, as gravações, o estabelecimento do documento escrito e suas seriaçãoções, a sua eventual análise, os arquivamento e devolução social. Segundo José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda esses passos conduzem o projeto para organização das informações que fazem parte do projeto, dando um corpo através desses passos. Elaboramos o roteiro de entrevista, registrei e realizei as gravações com o auxílio do celular, separando cada entrevista que foi feita para ter uma organização e após concluí-las foram realizadas as transcrições.

Marieta Ferreira e Janaína Amado (2006) no livro “Usos & abusos da História Oral” selecionam artigos que falam da História Oral criando debates acerca dessa história, mostrando uma visão múltipla. De início a história oral seria inovadora por seus objetos e suas abordagens. No segundo capítulo Jorge Eduardo (1994) traz que a oralidade no seu estudo veio a partir da antropologia, nas transmissões de tradições orais, sendo a tradição oral constituída de um “corpus” teórico da antropologia. A questão da oralidade saiu do centro da antropologia e é objeto de estudos de variadas disciplinas.

A história oral poderia distinguir-se como um procedimento destinado a constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”. (FERREIRA, 2006, p. 17).

O historiador oral vai além de registrar os depoimentos, não se limitando apenas ao entrevistador. Nos dias atuais essa metodologia é mais aceita. A entrevista oral se torna um corpus de dados com um número de depoimentos, tendo um cuidado na entrevista a ser feita. A partir do tema elabora-se um roteiro para fazer a entrevista colhendo as informações para forma junto com o que será produzido. Se a entrevista seguir bem encaminhada, chegará em um momento que as perguntas não serão mais necessária, a conversa vai fluir.

A entrevista nos possibilita a interação com as pessoas da comunidade, obtendo de formas detalhada sobre o que esta sendo pesquisado. O pesquisador não deve atrapalhar o entrevistado e nem impor a eles respostas, se caso não entenda o que for falado por ele é necessário que se peça para ele repetir para que não haja dúvida ao que foi respondido.

Durante o processo de pesquisa na comunidade sendo uma delas as entrevistas nem todos os moradores ficaram a vontade para ser entrevistada, a dificuldade de conversa por partes de alguns moradores foi notória.

A preparação do questionário para a entrevista se deu a partir dos objetivos, a entrevista foi realizada em *locus* quando fui fazer a visita de campo, as entrevistas foram feitas nas casas dos moradores em meio à produção dos artesanatos durante a tarde de um dia ensolarado, a partir de conversas e risadas foi-se criando os laços e confiança com todos os colaboradores e com demais moradores da comunidade, na qual tive conversas paralelas as entrevistas.

“Para Good e Hatt (1969: 237), a entrevista” consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social como a conversação”. (MARCONI, 2011, p. 81). Entrevistas para obter informações sobre o objeto de estudo para coletas de dados para ajudar na construção da pesquisa feita.

O tipo de pesquisa escolhida foi a pesquisa participante envolve-se com a prática da comunidade, possibilidade o envolvimento com a comunidade para colher informações. A prática é uma maneira de conhecer a comunidade e a pesquisa participante nos coloca no desafio de pesquisar e colher as informações e participar da comunidade. Na pesquisa participante existe um envolvimento autêntico entre o pesquisador e o objeto que esta sendo pesquisado. Essa pesquisa prática esta ligada a práxis, na pesquisa participante existe um fundamento que possibilita a discutir a importância em todo o processo de investigação, tendo intervenção na realidade social. Na pesquisa participante tem a participação do contexto, da cultura, do grupo que esta sendo estudado, quanto dos sujeitos que estão envolvidos em todo esse processo de pesquisa.

Durante a pesquisa participante foi notório o envolvimento com algumas artesãs, o contato estabelecido me possibilitou uma maior interação na pesquisa de campo, a associação AMAQUI possui aproximadamente sessenta, porém apenas quatro pessoas se disponibilizaram para as entrevistas. Apesar de fazerem parte da comunidade e da associação AMAQUI nem todos tem a disponibilidade e outros não se sentem a vontade para serem entrevistados. Assim respeitei o espaço de cada um.

O contato do pesquisador com o entrevistado é de muita importância para que possa construir um bom diálogo, o pesquisador tem uma interação com a comunidade que esta sendo pesquisada, não apenas colher as informações e se distancia do que esta sendo pesquisado é necessária que se participe dos momentos e se construa uma interação entre ambos. Segundo Pedro Demo em seu livro “Metodologia Científica em Ciências Sociais” (1941).

O movimento da pesquisa participante tem como um dos pontos de partida a decepção diante da pesquisa tradicional. Entende-se por pesquisa tradicional aquela feita dentro cânones metodológicos usuais, de feição empirista e positivista, que selecionam na realidade social aquilo que cabe no método. Cultivam a neutralidade científica, afastam-se da prática e não atingem relevância social para as camadas populares que necessitam de profundas transformações sociais. (DEMO 1941, São Paulo: Atlas, 2011 p.231).

Pedro Demo apresenta traços para a pesquisa participante em três momentos que para ele são essenciais. Um dele é o *Autodiagnóstico* que possui uma mesma direção para o ponto de vista do conhecimento científico e do saber popular.

Autodiagnóstico, entendido como confluência entre conhecimento científico e saber popular, precisamente na aceção teórico-prática do diagnóstico realizado no fundo pelo próprio interessado; o conhecimento científico é fundamental, mas instrumental e somente se torna útil à comunidade se for dirigido por ela como autodiagnóstico; idéias podem vir de fora, desde que se tornem de dentro; usam-se técnicas formais de levantamento empírico que nada têm a ver com empirismo; levantamento científico bem feito só ajuda, embora nunca esgote a realidade e o problema. (DEMO 1941, São Paulo: Atlas, 2011 p.237).

Na comunidade Serra das Viúvas os moradores possuem a consciência ambiental dentro da produção do artesanal, trazendo a importância de manter viva a natureza para que eles possam ter no local a matéria prima para a confecção do artesanato que é produzido na comunidade, retirando o que será utilizado nas confecções do artesanato sem prejudicar o futuro e repondo com novas mudas das árvores.

O projeto *Caminho Verde* inserido na comunidade mostra o quanto eles se preocupam com as questões ambientais e culturais, são encontros semanais que vão da teoria a prática. Os encontros são feitos na casa de farinha da comunidade. A conscientização desde a infância sobre a importância do bem natural faz com que ocorra a sustentabilidade de maneira natural por aqueles que morram na comunidade. A utilizar o que a natureza esta oferecendo para que se possa ter a confecção do artesanato, pensando no presente e se preocupando com o futuro. Atualmente esse projeto encontra-se desativado.

Diante do exposto os procedimentos metodológicos estruturam-se com instrumentos para que possa atingir os objetivos que foram propostos na pesquisa. Os critérios utilizados para as entrevistas e conversas informais foram pessoas que moram na comunidade ou que possuíam parentesco com algum morador da comunidade e que possuíam de informações importantes para a construção da pesquisa. Assim cruzando as informações para obter resultados que pudessem contribuir com a pesquisa.

CAPÍTULO IV - UMA HISTÓRIA NO ALTO DA SERRA: CONHECENDO UM POUCO A HISTÓRIA DE UM LUGAR E DE UMA COMUNIDADE

Na região nordeste brasileiro está localizado no alto sertão alagoano a cidade de ÁGUA BRANCA conhecida pela sua história, patrimônio histórico, cultura, beleza natural e fé. Os casarões fazem parte do seu centro histórico juntamente com a primeira igreja a ser construída Igreja Nossa Senhora do Rosário e à frente a principal igreja do município, a Igreja Nossa Senhora da Conceição conhecida como uma das mais bonitas. O nome Água Branca originou devido à quantidade de águas límpidas que existia na região.

O município de Água Branca está localizado no extremo oeste do Estado de Alagoas, limitando-se a norte com Mata Grande e Tacaratu (PE), a sul com Delmiro Gouveia e Olho D'Água do Casado, a leste com Inhapi e Olho D'Água do Casado, e a oeste com Pariconha. A área municipal ocupa 454,72 km² (1,64% de AL), inserida na mesorregião do Sertão Alagoano e na microrregião Serrana do Sertão Alagoano (MASCARENHAS et al,2005, p. 2 apud BARROS, 2017, p.14).

A cidade de Água Branca está localizada no sertão alagoano, em meados do século XVII o território de Água Branca fazia parte das sesmarias, no qual estavam incluídos os municípios atuais de Delmiro Gouveia, Piranhas e Mata Grande. No início o município era chamado de Mata Pequena ou Matinha de Água Branca. A origem do nome água Branca se deu devido ali haver fontes de águas límpidas. A entrada no município aconteceu com aos três irmãos da família Vieira Sandes, que vieram de Itiúba, os irmãos foram atraídos para essa região pela boa pastagem que ali eram oferecidas e pela riqueza da região. O capitão Faustino Vieira Sandes era o tronco da família Sandes de Água Branca, ele desbravou as terras instalando uma fazenda de gado.¹

A primeira igreja a ser construída em meio a serras foi a Igreja Nossa Senhora do Rosário em plena mata fechada no ano de 1770 pelo Major Francisco Casado de Melo. A segunda igreja a ser construída se tornando assim a principal igreja do município foi a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição construída em 1871, a igreja esta localizada no centro histórico da cidade tendo como padroeira Nossa Senhora da Conceição. Sendo assim um dos pontos mais visitado.²

¹ Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/agua-branca-a-antiga-mata-pequena.html> - Acesso em: 21/08/2018.

² Idem.

Água Branca foi elevada a categoria de vila e sendo denominada por Água Branca pela lei nº 681 de 24 de abril de 1875, desmembrada do município de Paulo Afonso. E em 02 de junho de 1919 foi elevada a cidade pela lei nº 805.³

Abaixo na figura 01: Mapa das comunidades Quilombolas de Alagoas. Mapeamento realizado por técnicos do Instituto de Terra e Reforma Agrária de Alagoas, sob a coordenação da Gerente de Núcleo dos Quilombolas do Estado, Berenita Maria dos Santos. Colocando em destaque para uma melhor visualização a cidade de Água Branca- Alagoas na qual está situada a comunidade em estudo.

Figura 1: Mapa das comunidades Quilombolas de Alagoas



Fonte: ITERAL⁴

O mapa mostra o mapeamento das comunidades quilombolas em Alagoas, na qual a cidade de Água Branca – Alagoas compõem segundo informações disponíveis na Figura 1, as comunidades Cal, Barro Preto e a comunidade em estudo Serra das Viúvas.

³ Idem, p.23.

⁴ Disponível em: http://www.iteral.al.gov.br/dtpaf/comunidades-quilombolas-de-alagoas/Mapa%20das%20Comunidades%20Quilombolas-2011.JPG/image_view_fullscreen - Acesso em 28/08/2018.

4.1 Comunidades Quilombolas

De acordo com Farias (2007) em seu livro “Quilombos alagoanos contemporâneos: uma releitura da história”, os quilombos nos dias de hoje se tratam de comunidades que são livres que resistiram ao tempo e que resgataram a identidade e se formaram comunidades livres, enfrentaram a resistência na visão do mundo.

A princípio os conceitos de quilombos estavam diretamente ligados a resistência armada, tendo como exemplo o Quilombo dos Palmares em Alagoas. Porém, não sendo esse o modelo padrão os quilombos apareceram com formas bem específicas de vida, determinada pelo seu momento histórico, espaço geográfico, cotidianidade e grupos formadores- esse espaço é caracterizado pela luta e resistência ao sistema vigente. (FARIAS, 2007 p. 81).

A regularização para terras não é apenas burocrática é uma luta contra a resistência para que se tenha inclusão de um povo. A certificação de comunidade remanescente de Quilombo é um reconhecimento, sendo um passo de grande importância para que se possa fazer valer os seus direitos.

[...] a partir do Art 68 do Ato Disposições Constitucionais Transitórias da constituição Federal de 1988, que diz textualmente “aos remanescentes das Comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. (FARIAS, 2007 p. 84).

De acordo com Farias (2007) em seu livro “Quilombos alagoanos contemporâneos: uma releitura da história” o Estado de Alagoas tem o maior símbolo de resistência o Quilombo dos Palmares, porém pouco se conhece sobre as comunidades quilombolas.

Comunidades Remanescentes De Antigos Quilombos constituídas de grupos organizados contradições e relações territoriais próprias e Por conseguinte com direitos a serem respeitados nas suas especificidades etnias sociais históricas culturais físicas e sociais que se formaram tanto no período da escravidão como no pós-abolição. (FARIAS, 2007 p. 88).

Em Alagoas existem identificadas algumas Comunidades Quilombolas e outras estão em processo de reconhecimento, distribuído em várias regiões essas comunidades cultivam agricultura e produzem artesanato preservando costumes culturais e sociais dentre as comunidades reconhecidas como quilombolas.

Em Água Branca foram reconhecidas cinco comunidades quilombolas, consistir as comunidades Lagoa das Pedras, Barro Preto, Serra das viúvas, certificadas em 19 de novembro de 2009, a comunidade Cal, certificada em 27 de dezembro de 2010 e o Povoado Moreira de baixo, certificada em 02 de fevereiro de 2015.

TABELA DAS COMUNIDADES CERTIFICADAS

Nº	MUNICÍPIO	COMUNIDADES	SITUAÇÃO	Nº DE FAMÍLIAS
01	Água Branca	Lagoa das Pedras	Certificada em 19/11/09	50
02	Água Branca	Barro Preto	Idem	50
03	Água Branca	Serra das Viúvas	Idem	50
04	Água Branca	Cal	Certificada em 27/12/2010	50
05	Água Branca	Pov. Moreira de Baixo	Certificada em 02/02/2015	120
06	Anadia	Jaqueira	Idem	35
07	Arapiraca	Carrasco	Certificada em 13/03/07	290
08	Arapiraca	Pau D'arco	Certificada em 07/02/07	510
09	Batalha	Cajá dos Negros	Certificada em 19/04/05	86
10	Belém	Serra dos Bangas	Certificada em 03/07/2014	80
11	Cacimbinhas	Guaxinim	Certificada em 13/12/06	90
12	Canapi	Mundumbi	Certificada em 27/12/2010	64
13	Canapi	Sítio Alto de Negras	Idem	60
14	Canapi	Tupete	II	73
15	Carneiro	Sítio Lagoa do Algodão	II	50
16	Delmiro Gouveia	Povoado da Cruz	Certificada em 19/04/05	72
17	Igreja Nova	Sapé	Certificada em 19/11/09	100
18	Igreja Nova	Palmeira dos Negros	Certificada em 08/06/05	220
19	Igaci	Sítio Serra Verde	Certificada em 27/12/2010	200
20	Japaratinga	Macuca	Certificada em 19/11/09	27
21	Jacaré dos Homens	Alto da Madeira	Idem	45
22	Jacaré dos Homens	Povoado Porção	Certificada em 27/12/2010	30
23	Jacaré dos Homens	Povoado Baixa	Idem	77
24	Jacaré dos Homens	Povoado Ribeiras	Certificada em 07/02/2011	30
25	Monteirópolis	Paus Pretos	Certificada em 25/05/05	200
26	Major Isidoro	Puxinanã	Certificada em 13/12/06	62
27	Olho D'Água das Flores	Aguazinha	Certificada em 19/11/09	30
28	Olho D'Água das Flores	Guarani	Idem	45
29	Olho D'água das Flores	Gameleiro	Certificada em 10/04/08	65
30	Olho D'água do Casado	Alto da Boa Vista	Certificada em 07/04/2015	85
31	Pariconha	Burnio	Certificada em 19/11/09	50

32	Pariconha	Melancias	27/12/2010	30
33	Pariconha	Malhada Vermelha	Certificada em 19/11/09	15
34	Passo do Camaragibe	Bom Despacho	Idem	208
35	Passo do Camaragibe	Perpétua	Certificada em 27/12/2010	28
36	Piranhas	Sítio Laje	Idem	30
37	Piaçabuçu	Pixaim	Certificada em 19/11/09	25
38	Pão de Açúcar	Chifre do Bode	Certificada em 28/07/06	66
39	Pão de Açúcar	Poço do Sal	Certificada em 28/07/06	37
40	Penedo	Tabuleiro dos Negros	Certificada em 01/03/07	425
41	Penedo	Oiteiro	Certificada em 13/12/06	160
42	Poço das Trincheiras	Jorge	Certificada em 08/06/05	125
43	Poço das Trincheiras	Alto do Tamanduá	Certificada em 19/04/05	300
44	Poço das Trincheiras	Jacu	Certificada em 19/04/05	85
45	Poço das Trincheiras	Mocó	Certificada em 19/04/05	80
46	Palmeira dos Índios	Povoado Tabacaria	Certificada em 30/09/05	92
47	Palestina	Vila Santo Antônio	Certificada em 05/05/09	300
48	Palestina	Santa Filomena	19/11/09	40
49	Santa Luzia do Norte	Quilombo	Certificada em 19/04/05	350
50	Santana do Mundaú	Filús	Certificada em 28/07/06	40
51	Santana do Mundaú	Jussarinha	Certificada em 19/11/09	34
52	Santana do Mundaú	Mariana	Idem	35
53	São José da Tapera	Caboclo	Idem	50
54	São José da Tapera	Cacimba do Barro	Idem	35
55	Senador Rui Palmeira	Serrinha dos Cocos	Idem	25
56	Taquarana	Mameluco	Certificada em 13/12/06	160
57	Taquarana	Lagoa do Coxo	Certificada em 27/12/2010	35
58	Taquarana	Poços do Lunga	Certificada em 07/06/06	65
59	Taquarana	Passagem do Vigário	Certificada em 19/11/09	170
60	Teotônio Vilela	Abobreiras	Idem	30
61	Teotônio Vilela	Birrus	Idem	32
62	Traipu	Belo Horizonte	Idem	60
63	Traipu	Uruçu	Idem	50
64	Traipu	Mumbaça	Certificada em 27/12/2010	401
65	Traipu	Lagoa do Tabuleiro	Idem	30
66	Viçosa	Gurgumba	Idem	25
67	Viçosa	Sabalangá	Idem	100
68	União dos Palmares	Muquém	Certificada em 19/04/05	120

LISTA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS CERTIFICADAS

TOTAL DE FAMÍLIAS: 6.889

COMUNIDADES EM ESTUDO

Nº	MUNICÍPIO	COMUNIDADES	SITUAÇÃO	Nº DE FAMÍLIAS
1	Senador Rui Palmeira	Lajeiro Bonito	Em estudo	20

INSTITUTO DE TERRAS E REFORMA AGRÁRIA DE ALAGOAS – ITERAL

Fonte: BARROS, Roseane Feitoza de. 2017, p. 15-19.

A legislação incluir uma comunidade quilombola: “grupos étnico-raciais segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. (Art. 2º do Decreto 4887, de 20/11/2003).

Percebe-se que existem 68 comunidades certificadas incluindo a comunidade serra das viúvas, enquanto que existe a comunidade Lajeiro Bonito no município de Senador Rui Palmeira que esta em estudo.

4.2 Serra das Viúvas

No alto da serra de Água Branca a aproximadamente 4 km do centro da cidade está localizada a comunidade quilombola Serra das viúvas, comunidade habitada por descendentes quilombolas.

De acordo com relatos orais a comunidade Remanescente Quilombola tem aproximadamente 90 famílias e 300 habitantes, não se encontra uma explicação lógica entre os moradores da comunidade para a dominação do nome Serra das viúvas, as histórias são diversas, porém em sua maioria contam à história que no passado a serra foi habitada por famílias que tinham muitas mulheres viúvas, e devido a essas mulheres viúvas, a serra foi denominada com o nome *Serra das Viúvas*.

A história da comunidade é contada por relatos orais pelos seus moradores. A origem do nome Serra das viúvas é relatado pelos moradores que teria sido dado devido a três viúvas que moraram alguns anos na comunidade por isso foi dado este nome. Sendo assim é utilizada a história oral para compreender de qual forma se deu a povoação desse lugar.

Por ser muito antigo e não ter documentos registrados sobre a data de origem ou ocupação dos escravos, os atuais moradores praticamente desconhecem a história e a cultura negra a que pertencem, já que os únicos aspectos que restaram da antiga cultura foram a agricultura juntamente com a produção de farinha de mandioca e o seus derivados, bem como o artesanato que é um dos pontos fundamentais da história e da vida dos residentes do povoado. (SOUZA, 2017. p.17).

Os relatos são de pessoas que vivem na comunidade, mas que não tem registrado como aconteceu a povoação da comunicação. Não possui nenhum registro de como aconteceu à povoação e não tem registros sobre essas famílias que teriam povoado a comunidade quilombola.

Relatos orais dos moradores apontam o Capitão-Mor Joaquim Antônio de Siqueira Torres (Barão de Água Branca) como senhor de escravos que, no século XIX, residia na antiga Mata Pequena, atual Água Branca. Servindo-se de mão de obra escrava para erguer a cidade, o Barão forçava os negros a executarem os trabalhos pesados para a construção da cidade, revoltados e se recusando a trabalharem para o Barão, os escravos fugiam entrando em mata fechada e subindo uma grande Serra para se esconderem na Serra das Viúvas. (SOUZA, 2017. p. 17 e 18).

Segundo Souza (2017) a comunidade é rodeada por uma mata fechada e os negros criaram atalhos para chegar e de forma mais rápida ao alto da serra, quilombo possui trilhas de acesso para a cidade de Água Branca que nos dias atuais são utilizadas como trilhas ecológicas, fazendo parte do turismo da cidade para o acesso a serra das viúvas pelos moradores e turistas quem visitam a cidade. Alguns grupos que fazem as trilhas ecológicas entram em contato com a comunidade para ter informações e combinarem um café regional oferecido para o grupo de pessoas que se interessarem em provar as comidas regionais na comunidade após a trilha. Esta atividade tem uma finalidade comercial e constitui uma renda extra. A figura 02 mostra a vista de cima da comunidade serra das viúvas para parte da cidade de Água Branca- Alagoas, na qual a mesma fica localizada.

Figura 2: Vista da serra das viúvas



Fonte: Izabela Souza (2018)

Por não terem conhecimentos sobre o que é ser quilombola, alguns moradores tem resistência em se autodeclarar quilombolas, uma das famílias que se percebe que tem orgulho de se declarar como descendentes de escravos é a família de Dona Marlene, estando à frente da comunidade como presidente da associação AMAQUI, para o desenvolvimento da comunidade incentiva os demais moradores para que unidos possam e a luta para melhoria da comunidade, mantendo firme a cultura da sua comunidade.

Alguns moradores possui o benefício governamental bolsa família, a base da economia é a agricultura, artesanato e produção de farinha de mandioca tendo algumas exceções, por não ter economia fixa alguns dos moradores buscam ganho saindo da comunidade em busca de trabalhos nas Usinas para completar sua renda familiar, outros homens trabalham na comunidade e cidade como pedreiros e serventes, as mulheres que optaram por não fazer o artesanato sai para trabalhar em casas de família na cidade.

A comunidade não tem difícil acesso alguns moradores possuem de transportes de D20 utilizando como transporte coletivo o que facilita para os moradores, a utilização de motocicleta é feito por grande parte da comunidade, alguns dos moradores se deslocam a pé por uma trilha que leva aproximadamente 20 minutos para chegar à cidade de Água Branca – Alagoas.

Na Serra das Viúvas não há água encanada o abastecimento é feito pelo carro pipa e completam com água das fontes, não possuindo também saneamento básico as casas têm o sistema de força interna, as casas possuem luz elétrica, a comunidade não tem posto de saúde sendo assim em casos de doenças ou mal-estar os moradores tem que se deslocarem até a cidade para receber atendimento médico.

A comunidade possui a Escola Municipal de Educação Básica Francisco Pereira Leite que foi inaugurada em 2002, a escola funciona em dois horários, consistir em uma extensão de um povoado próximo da Serra das viúvas, assim atendendo alunos da serra das viúvas e de comunidades circunvizinhas, no qual as crianças precisam-se deslocar da sua comunidade par poderem ir à escola.

Na comunidade os homens vão à roça que são terrenos de plantação que em sua maioria é do quilombo para plantarem feijão, milho, bananeiras, mandioca, feijão de corda, cana de açúcar etc., que são usados para alimentação da família e as mulheres que não possui empregos ficam em casa cuidando com afazeres domésticos, cuidando dos filhos ou trabalhando com o artesanato.

A comunidade possui uma capela que foi inaugurada em 24 de setembro de 2012, a partir da inauguração da capela, a comunidade passou a organizar o novenário da Padroeira da

comunidade Santa Cecília, no qual toda a comunidade se mobiliza para a realização do novenário que acontece durante os dias 13 a 22 de novembro. Ficando claro que mesmo sendo uma comunidade quilombola, a religião de grande parte dos moradores é a religião católica. Na figura 03 mostra a Capela Santa Cecília.

Figura 3: Capela Santa Cecília



Fonte: Izabela Souza (2018)

Os relatos têm a sua importância para a construção da memória, histórias que são passadas para outras pessoas pela oralidade e memória de pessoas que vivenciaram o processo de construção de reconhecimento de uma comunidade quilombola. Rica pela sua beleza natural a serra das viúvas é envolvida por força, cultura, tradição e fé.

Conforme relatos orais a comunidade que tem trajetória dentro de um reconhecimento de comunidade quilombolas, um processo para alguns de aceitação de ser quilombola de dizer “Eu sou quilombola”. A Comunidade de Serra das Viúvas recebeu da República Federativa do Brasil - Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, a Certidão de auto definição como Remanescentes de Quilombo.

CAPÍTULO V: UM OLHAR SOBRE OS ARTESÃOS E O ARTESANATO NA COMUNIDADE

O artesanato é cultural uma manifestação feita por pessoas que fazem a comunidade que dão sentido à produção artesanal. O conceito de artesanato vai caracterizar a transformação da matéria-prima, ou seja, do material bruto as peças que serão úteis.

Entre várias riquezas que a comunidade possui uma delas é o artesanato. Que faz parte do dia a dia das pessoas que ali moram. Eles confeccionam objetos como bolsas, chapéis, tapetes, jarros, flores, Vassouras, cestos, porta guardanapos entre outros. Como mostra as figuras 04, 05, 06 e 07 alguns dos artesanatos que foram produzidos pelos artesãos.

Figura 4: Bolsas e chapéu produzidos pelos artesãos.



Fonte: Izabela Souza (2018)

Figura 5: Almofada e cestos produzidos da palha do ouricurizeiro.



Fonte: Izabela Souza (2018)

Há um tempo os artesanatos que eram feitos as vassouras e bolsas. As bolsas eram vendidas para as pessoas fazerem a feira na cidade. As bolsas que eram feitas de forma básica, ganharam novas formas e detalhes, as bolsas tem um acabamento diferentes e são encomendadas para serem usadas no dia a dia, em praias e outros lugares. Observe abaixo a figura 06 de uma bolsa com detalhes de crochê.

Figura 6: Bolsa de palha com detalhes em crochê.



Fonte: Izabela Souza (2018)

Segundo relatos orais aproximadamente 20 anos a comunidade produz o trabalho artesanal, tendo como principais materiais a palha de ouricurizeiro e o cipó. O artesanato é passado de geração para geração, dentro da família e na comunidade, fazendo com que as pessoas queiram que continue passando para seus filhos, netos, bisnetos etc. Assim o artesanato continue fazendo parte da história e vida da comunidade. Mostrando suas raízes e força cultural através do artesanato feito por todos que acreditam em dias melhores e acreditam na força da comunidade. Observe na página seguinte à figura 07 mostra alguns produtos artesanais produzidos pelos artesãos como os cestos, jarros, porta joia, luminária, vassoura e bolsa. A matéria prima utilizada nesses artesanatos foi à palha branca de ouricurizeiro na produção da vassoura e bolsa e o cipó nas demais peças produzidas.

Figura 7: Cestos, jarros, vassoura e bolsa.



Fonte: Izabela Souza (2018)

O artesanato cada pessoa está fazendo em sua residência, pois não tem um local para que se possa fazê-lo, a associação AMAQUI não possui uma sede para a realização dos encontros que são feitos para discutirem projetos e melhorias para a comunidade. Nesse ano de 2018 está em construção o centro cultural que será utilizado para a realização de atividades, assim como ponto de recepção para acolher os visitantes que se interessa em conhecer a comunidade e a sua história.

A produção artesanal acontecia na casa de farinha, mas a casa de farinha é onde acontece a produção de farinha da mandioca que é feita pelos moradores, essa casa de farinha também é utilizada para outras atividades da comunidade como reuniões, escolas e encontros mensais. Como a casa de farinha sempre estaria ocupada os artesãos ficavam no terreiro, sendo assim cada artesão passou a produzir artesanato em sua casa.

O artesanato é armazenado na casa dos próprios artesãos e algumas peças são guardadas na casa de farinha por ser um local quente devido à produção da farinha de mandioca, principalmente as peças que são produzidas da palha que segundo relatos orais não podem ser guardadas em lugares frios para não desgastarem. A figura 08 na página a seguir mostra a casa de farinha citada à cima.

Figura 8: Casa de Farinha.



Fonte: Izabela Souza (2018)

Segundo colaboradores quando tem uma grande quantidade de encomenda do mesmo produto para ser entregue, os artesãos se reúnem para dar conta da encomenda que foi feita, assim não tendo um dia certo para se reunirem e produzirem o artesanato, o dia que acontece essas reuniões é na grande demanda de artesanato quando é feita e no primeiro sábado de cada mês.

Toda a comunidade produz o artesanato, mas quem trabalha em conjunto, na associação são as mulheres da (AMAQUI) Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas que possuem variedades nas confecções nos objetos que são produzidos. A comunidade produz a vassoura de palha tradicional para serem vendidas na Feira Livre da cidade.

Uma das matérias-primas utilizadas para fazer a confecção do artesanato é a copa do ouricurizeiro e para sua retirada a maioria dos artesãos utiliza o método para que não prejudique ouricurizeiro, assim possam continuar dando seus os frutos e após o tempo possam retirar mais Copa para a utilização na confecção do artesanato.

As artesãs recebem encomendas de produtos para serem feitos para determinados pontos, eventos e demais encomendas. Mas alguns artesãos produzem seu artesanato e vendem de forma autônoma.

Segundo Souza (2017) no ano de 2004 as artesãs receberam uma encomenda para uma ocasião especial, um casamento a encomenda de um tapete que seria colocado na entrada da igreja, a confecção foi feita por todos os artesãos, um trabalho em conjunto que fez parte da realização de um sonho de pessoas que confiaram no talento e potencial de cada pessoa que faz artesanato na comunidade, como se pode observar na figura 9.

Figura 9: Tapete em palha.



Fonte: Maria Helena Ambrósio (2004)

Um trabalho que é feito por toda a comunidade e principalmente pelas mulheres da AMAQUI, grupo de mulheres que trabalham em conjunto e que existe desde 1997, mas que foi formalizada treze anos depois, não possuindo uma sede para a realização das atividades, as reuniões são realizadas na casa de farinha. Pode-se notar o amor e delicadeza que elas têm com cada peça que é confeccionada.

Formalizada em 2010 a AMAQUI, possui o apoio da (AGENDHA) Assessoria e Gestão em Estudos da Natureza, Desenvolvimento Humano e Agro Ecologia. Os princípios básicos são as relações socioambientais com a vida familiar das famílias seja de forma individual ou coletiva, produção de artesanato, extrativismo, venda coletiva, solidária e ética. A coleta dos materiais é realizada por meio dos conhecimentos tradicionais e no desenvolvimento de práticas, pensando na conservação e na utilização sustentáveis de formas para a preservação do meio que lhes fornece e os materiais para a produção.

AMAQUI são mulheres que fazem artes, mulheres cheias de coragem que estão sempre dispostas a lutar pelos seus ideais e pela sua comunidade. Elas fazem acontecer no quilombo com a sua força e vontade e mesmo com as dificuldades da vida. O olhar para o futuro e com toda a sua garra estão sempre dispostas a enfrentar os obstáculos que encontram pela frente, unidas pelo mesmo objetivo de ver seus sonhos serem realizados.

Os artesãos da comunidade trabalham também fazendo a reciclagem, reutilizando cadeiras que já não possuem as cordas e eles colocam Cipó, dando novo uso e assim podendo utiliza-las novamente. Produzem através da reciclagem os pufs que são feitos com pneus que prejudicariam o meio ambiente, por ser descartados de maneira inadequados.

- *Oh, a gente faz balaios, cesta, luminária, é mandala, é roupeiro, lixeira, luminária já falei e vários produtos de decoração. De cidades, de casas, a gente recicla pneus, cadeiras, cadeira de balanço que quebra os, a gente recicla e os pneus a gente faz assim as bancadas, fica bem bonito, faz é cobre de cipó e depois um pufe em cima, no tamanho dele fica bem bacana.* (Marlene de Araújo, entrevista realizada durante a pesquisa de campo, 2018, p. 49).

Trabalham a questão sustentável na retirada do material para a confecção do artesanato, que acontece de três em três meses em locais diferentes, para que não sejam destruídas e que após esse tempo, consigam ter matéria prima para confecção do artesanato no mesmo local. Mesmo que algumas pessoas, os donos dos terrenos, no qual é retirada a matéria-prima não liguem para esse cuidado, os artesãos tem o cuidado necessário na retirada para não machucar a planta/árvore.

A produção antes era basicamente de vassouras que seriam vendidas nas feiras da cidade. Mas com a criação da associação houve uma diversificação na produção e venda dos artesanatos, as famílias passaram a diversificar sua produção, começaram a produzir objetos de arte, decoração, cestas, tapetes entre outros e com esse avanço conseguiram conquistaram novos espaços. Os produtos já são vendidos em Maceió, Rio de Janeiro etc. “- *Trabalhava, trabalhava fazendo chapéu, bassoura... hoje a gente muda pra... Sim, eu fazia também bolsa, hoje mudou mais pra essa pecinha aqui (mostrando a peça), a gente muda faz outro, faz outro.*” (Maria Isabel, entrevista realizada durante a pesquisa de campo, 2018, p.46).

A palha de Ouricuri, bananeira, milho e o cipó são as matérias primas do artesanato da comunidade Serra das Viúvas, na fabricação de objetos artesanais e movimentam a economia de algumas famílias da Serra das Viúvas. E muito mais que uma questão de talento, a arte de trançar a palha e transforma-la em objetos práticos e peças de decoração, é um dom compartilhado por gerações inteiras.

Marlene de Araújo juntamente com outras artesãs decidiram inovar no artesanato, antes artigos simples e sem acabamento, e elas foram em busca de patrocínio, parcerias e cursos profissionalizantes para melhorar a estética e o comércio da arte que já existia. Elas obtiveram êxito, visto que todas as artesãs puderam desfrutar dos novos aprendizados que foram acrescentados dentro da arte do quilombo [...] (SOUZA, 2017, p. 21).

A fibra do Ouricuri é a matéria prima mais utilizada no artesanato da comunidade Serra das Viúvas, que também a Curubaca, um tipo de proteção para o fruto do Ouricuri, no qual é transformada em objeto de decoração pelos artesãos da comunidade.

A figura 10 mostra a matéria prima que foi utilizada para a produção da peça, a palha que estava pronta para o uso e ao lado a imagem da peça final que foi produzida, o chapéu de palha com detalhe de uma flor que se destaca. Segundo morador o chapéu foi produzido por uma encomenda feita para as festividades juninas que iriam acontecer nas comunidades vizinhas.

Figura 10: Matéria prima e produto final.



Fonte: Izabela Souza (2018)

Um exemplo desta herança passada de mãe para filha é Dona Bela da Conceição que trança palha desde seus oito anos de idade. Durante muito tempo a construção simples foi o único local onde as mulheres da família se reuniam para trançar a palha e confeccionar os objetos. O princípio da sustentabilidade é trazer a matéria prima, havendo uma sustentabilidade social. Além dessa herança ser passada de mãe para filha, trazendo assim esse exemplo de sustentabilidade social, que segundo o critério social de Sachs (2009) “- igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais. – emprego pleno e/ou autônomo em qualidade de vida decente” (SACHS, 2009, p. 85).

De acordo com relatos orais o processo até chegar o objeto confeccionado, tem início no amanhecer da manhã com a retirada da matéria-prima que depois é limpa e colocada ao sol para que ocorra a secagem e assim podendo utiliza-las para a confecção dos artesanatos. Na confecção o manusear da matéria-prima, o movimentos das mãos faz com que cada peça saia de maneira única para cada pessoa, são movimentos precisos de trançados que dão forma ao objeto desejado.

Uma simples palha de milho seco é transformada em obras primas pelas mãos daquela o que fazem acontecer à cultura dentro da sua comunidade. É perceptível que a

sustentabilidade econômica, como traz Igancy Sachs (2009) nos seus anexos “critérios de sustentabilidade” sobre o critério econômico no qual diz “–capacidade de modernização contínua dos instrumentos de produção [...]” (SACHS, 2009, p. 86/87).

A forma com que acontece a transformação da matéria-prima até o artesanato pronto é de extrema beleza. Cada detalhe, os trançados, amarração, cada passo até os últimos detalhes. Há tempos atrás o artesanato era feitos apenas pelos adultos, mas é possível observar que essa cultura está sendo passada para as novas gerações, fazendo com que o passar do tempo à cultura do artesanato não seja pedida e que ela seja continuada por aqueles que fazem parte desta história.

No processo cultural na produção do artesanato os artesãos colocam traços de sua cultura nos objetos que produzem deixando impresso em suas peças marcas de seu povo. Os artesãos ao ter suas peças valorizadas, sentem-se grato por cada artesanato que foi produzido durante todo esse tempo, essa valorização faz com que eles se sintam úteis dentro da sua comunidade e do meio, no qual estão inseridos. O artesanato desperta nas pessoas aptidões em manuseios, suas mãos são obedientes aos impulsos do seu corpo assim deslocam sobre a matéria prima ainda bruta e em seus traçados e imaginação convertem essa matéria na peça produzida.

As peças produzidas são bem acabadas e de bom gosto, o artesão possui habilidades manuais. Mas além de toda habilidade cada pessoa possui talento e sensibilidade, assim se tornando um artista. Os artesãos produzem objetos através de herança familiar e por isso dão continuidade a essa Cultura ou por novas necessidades de vida.

Cada artesão tem seu estilo, porém é influenciado pelo ambiente no qual está inserido. A decoração das peças produzidas possui diferentes formas geométricas sendo assim formas e espessuras diferentes. Ao serem confeccionados os artesanatos são entregues para os pontos de venda, em Água Branca - AL no Restaurante e Engenho São Lourenço e em Piranhas-AL, locais que são vendem artesanato da região.

Por um lado teve o espaço para a comercialização dos seus produtos, por outro lado, ocorre luta por reconhecimentos étnicos raciais e valorização da cultura afro-descendentes. Ao longo do tempo os artesãos produzem um artesanato típico da região e mantêm as características e as tradições da comunidade quilombola, com isso contribuem com a inclusão social de pessoas carentes da região, principalmente de mulheres, por meio da geração de renda e trabalho. Segundo Sachs (2009) o desenvolvimento sustentável está em outra linha dos mercados, porém é necessário que se tenha estratégias em diferentes lugares para que

assim seja possível ocorrer o desenvolvimento sustentável, trazendo novas formas para conquistar o mercado.

No ano de 2017 foi feito um projeto juntamente com o agente da (COEP) Centro de Orientação e Encaminhamento Profissional para a construção do centro cultura na comunidade para que tivesse um espaço para confecção e armazenamento dos artesanatos, recepção a turista e pesquisadores.

Nesse ano de 2018 se deu inicio a realização de um “sonho” para aqueles que fazem parte da história da (AMAQUI) Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas. O centro cultural esta em processo de construção, sendo construído pela própria comunidade com colaborações de alguns envolvidos e com recursos e força da própria comunidade, a cada dia que um passo é dado e cada etapa que esta acontecendo, esta sendo construído um sonho daqueles que fazem parte dessa comunidade, aqueles que fazem parte dessa história. A figura 11 abaixo mostra o andamento da construção do centro cultural.

Figura 11: Construção do centro cultural.



Fonte: Izabela Souza (2018)

A comunidade inseriu o projeto *Caminho Verde* que tem como objetivo incentivar e orientar as crianças sobre o cuidado que deve ter com o meio ambiente, no qual tiram a matéria prima para a confecção dos objetos artesanais que são feito na comunidade. São encontros semanais que vão desde a teoria a prática, na qual as crianças recebem formação sobre questões ambientais e culturais. Atualmente o projeto *Caminho Verde* encontra-se desativado. De acordo com Leff (2011) a partir da educação ambiental, a questão ambiental deve esta como pressuposto de uma educação ecológica.

Entender a importância ambiental é um passo muito importante para aqueles que tiram a matéria prima da natureza, fazer com que desde a infância se pense de maneira coletiva e visando no futuro, se a natureza no seu valor e importância fornece a matéria prima para a confecção do artesanato, a comunidade deve fazer a sua parte como cidadão, cuidar e preservar a natureza.

De acordo com Sachs (2009) e Leff (2011) é necessário que se apresente bases e formas sustentáveis para uma compreensão sobre o desenvolvimento sustentável fazendo-nos pensar nas necessidades dos indivíduos em contrapartida fazendo questionamentos sobre o que esta sendo feito pela sociedade para que se desenvolva sem causar danos ao meio ambiente, assim buscando um equilíbrio entre ambos.

5.1 Valorização do artesanato

Os produtos que são feitos de forma artesanais ganham um valor simbólico e econômico, o valor artesanal pela forma que as pessoas olham para as peças confeccionadas, assim sendo apreciada, cada pessoa possui uma visão sobre o que está vendo e a forma econômica pelo valor que é adquirido ao serem comercializadas.

Aqui, refiro-me ao que chama de *processos de valorização*, isto é, processos com os quais, e através dos quais, e conferido as formas simbólicas determinadas “valor”. Há dois tipos de valor que são particularmente importantes a esse respeito. Um tipo é o que pode ser chamado de "valor simbólico": o valor que as formas simbólicas possuem em virtude das maneiras como elas são apreciadas pelas pessoas que as produzem e as recebem em virtude das maneiras como elas são apreciadas ou denunciadas, queridas ou desprezadas por esses indivíduos. Um segundo tipo de valor é o "valor econômico", que pode ser entendido como o valor que as formas simbólicas adquirem em virtude de serem trocadas num mercado. (THOMPSON, 1995, p. 23).

Para os artesãos não tem valor para sua arte, porém a produção das peças que são confeccionadas faz com que seja atribuído um valor econômico para todas as peças, uma questão complexa, mas que pode ser entendida dentro do seu contexto de valorização como produto que é comercializado.

Existe todo um processo por trás das peças prontas, a criação antes de ser colocado em prática, o trabalho para fazer e o tempo que é dedicado a cada peça, assim possuindo o valor simbólico por aqueles que fazem e pelas pessoas que admiram as peças. Todo esse processo do fazer artesanato e a valorização que é atribuída pelos artesãos e turistas influencia no seu valor comercial. Se a peça é pedida para ser confeccionado como peça única o valor será

diferente daquelas peças que são confeccionadas pela alta procura que podem ser influenciada no seu valor final.

O artesanato na sua produção envolvem os artesãos com a sua arte, uma ligação no processo de confecção e na construção de seu conhecimento para que cada peça seja feita de maneira importante e contribua para o aprendizado que é obtido na produção.

Sendo assim eles percebem a valorização do artesanato, pelas pessoas da cidade e de outros lugares que conhece o trabalho que é feito pelos artesãos da Serra das viúvas. Alguns dos locais de venda dos artesanatos são: Água Branca- Alagoas (Engenho São Lourenço), Piranhas – Alagoas, Delmiro Gouveia – Alagoas, Olho D'água – Alagoas. Os artesanatos também são vendidos por encomendas e em feiras, na qual a comunidade é convidada para expor o seu trabalho.

Segundo Laraia (2009) o conhecimento que o homem adquire durante todo o tempo é acumulado e isso é o que separa dos outros animais, a cultura surge com a intenção de conhecimentos na sociedade, sendo primordial para a formação da identidade. “7. A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo” (LARAIA, 2009, p. 49).

Segundo relatos de alguns moradores da comunidade, o artesanato não é valorizado por todos que morram na Comunidade, por estarem na comunidade alguns entendem como mais um objeto a ser feito.

CAPÍTULO VI: ENTREVISTAS E ANÁLISE DE DADOS

Esse capítulo se destina a trabalhar a discursão teórica relacionando com os relatos orais obtidos durante a pesquisa de campo, assim resolvi estruturar as entrevistas em quadros para melhor visualização do leitor. Nessa pesquisa foram utilizadas as entrevistas como fonte de pesquisa e como procedimentos metodológicos. As entrevistas como instrumento de dados de estudo no campo.

6.1 Entrevistas: Comunidade quilombola Serra das Viúvas

As entrevistas aconteceram durante a pesquisa de campo a serra das viúvas, de início foi feitas três entrevistas e em outro dia com mais uma pessoa, totalizando quatro entrevistas com pessoas que moram na comunidade e fazem parte da associação AMAQUI. Tiveram as conversas com pessoas da comunidade de forma informal criando uma confiança para que a conversa fluísse de maneira leve para ambas as partes, fazendo assim com que se estabelecesse uma comunicação.

Nas entrevistas é possível observar a dedicação que eles têm com o artesanato, em suas falas existe uma intensidade que foi possível perceber o quanto é importante fazer o artesanato e fazer parte da história de um povo que se unem em favor de um mesmo objetivo que é a melhoria para a comunidade de modo geral.

Observa-se ainda nas entrevistas que todas começaram a fazer o artesanato por conta da mãe, avó ou alguém da família que já produzia e passou o aprendizado para elas. Assim fica perceptível que o artesanato é produzindo há tempos atrás e que com o passar dos anos os artesãos da comunidade irão sempre passar os seus conhecimentos para geração futuras. Percebe-se que a produção obedece a uma lógica transgeracional.

O artesanato foi passado de geração para geração, um aprendizado que faz parte das famílias que ali moram dando uma importância para que o artesanato continue a fazer parte da cultura da comunidade e servindo como renda extra para as famílias.

- Eu comecei fazer o artesanato desde criança, que na nossa época tinha nossa bizavó que ensinava, já fazia e ensinava pra nós. E ai tamo hoje aqui, né? Também querendo, né? Passar de geração para geração, nossas filhas, nossos netos, né? E bisneto que venha né? (risos) Tamo aqui pronta pra ensinar, pra deixar né? Pra os que virão, né? Se Deus quiser, esse é meu plano de vida, hein. E colocar a diante. (começou a tocar um som que ficou durante toda a entrevista). (Marlene de Araújo, entrevista realizada durante a pesquisa de campo, 2018, p.48).

O artesanato é visto por todos como cultura da serra das viúvas fazendo parte do cotidiano das famílias da comunidade há anos, sendo para eles uma forma de resistência do povo que ali mora. Segundo Laraia (2009) a natureza cria indivíduos inteligentes, mas é necessário que se tenha ao alcance materiais para que esse indivíduo possa exercitar a sua criatividade. “8. Os gênios são indivíduos altamente inteligentes que têm a oportunidade de utilizar o conhecimento existente ao seu dispor, construído pelos participantes vivos e mortos de seu sistema cultural, e criar um novo objeto ou uma nova técnica” [...] (LARAIA, 2009, p. 49).

A matéria prima utilizada na produção do artesanato é o cipó e a palha de ouricurizeiro, milho e outros tipos de palhas que possam ser utilizados. “- *Cipó, a palha e tem a gente sempre tira aquele jenipapo pra tingir a palha, coisas naturais, assim gente usa*” (Rosilaine Oliveira dos Santos, entrevista realizada durante a pesquisa de campo, 2018, p.51).

A retirada da matéria prima é feita na mata dentro da comunidade e em lugares longes em terrenos, a principal matéria prima retira em terrenos distantes é o cipó que nasce em todos os lugares e podem acabar atrapalhando a criação do dono de terrenos, pois os animais de entrelaçam no cipó e não consegue sair.

Segundo as entrevistas existe um cuidado na retirada da matéria prima para que não prejudique o meio ambiente que fornece o material necessário para a produção artesanal da comunidade, assim existe uma maneira segundo eles que fazem a retirada sem ter nenhum prejuízo ambiental.

- A materia prima a gente retira aqui mermo, na é, na comunidade, mas também a gente vai pra mais longe, né? É no São Bento, na cobra, né? Tudo tem. É Estreito que a gente tira um pouco aqui e procura tirar mais longe que é pra ir descansando, né? Que a gente não pode é o material da gente, a gente sempre procura trabalhar num jeito sustentável, nós trabaia sustentabilidade, né? E não podemos, né? É tira e tira nós tem que tirar aqui, deixar descansar, né? Criar e vamo pra outro lugar é assim. (Marlene de Araújo, entrevista realizada durante a pesquisa de campo, 2018, p. 49).

Esse cuidado se tem devido ao tempo que se é necessário para que seja feita cada retirada de cada matéria prima para serem utilizadas, existe um tempo de aproximadamente três meses para que se possa voltar ao mesmo lugar e na mesma arvore e possa ser feita novamente a retirada e isso acontece a partir do cuidado que eles têm em cada retirada. As retiradas são feitas em lugares diferentes a cada tempo devido ao processo de retirada até o tempo de crescimento, como mostra o fragmento da entrevista “-*Bom, é pode ser tirado de três em três mês, né? Mas sempre deixando o olho da palha, só, só que a gente passa mais*

tempo, tem já da pra tirar desse de três mês. (Marlene de Araújo, entrevista realizada durante a pesquisa de campo, 2018, p.49).

Nos relatos acima fica explícito o princípio da sustentabilidade ecológica como designa Leff (2011) “A sustentabilidade ecológica aparece assim como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para chegar a um desenvolvimento duradouro, questionado as próprias bases de produção”. (LEFF, 2011, p. 15). O desenvolvimento foi assim definido para que fosse permitido satisfazer as necessidades do atual o que cada individual precisa para a sua sobrevivência, mas sem comprometer as gerações futuras.

As peças que eram produzidas no início eram as vassouras e bolsas de palha, vendidas na feira livre da cidade. As bolsas de palha eram vendidas com a função de carregar os produtos comprados na feira. Os artesãos com o tempo foram aperfeiçoando as peças e começaram a produzir bolsas de praia, carteiras de mão, luminárias, jarros, cestos, chapeis, porta joias e produtos que venham a ser encomendados, a cada encomenda novas ideias surgem para aprimorar as peças.

Em uma das suas falas os colaboradores 02 e 04 “- *É, não aqui na comunidade. Eu mermo valorizo, mas tem pessoa que diz – Ah, nem ligo, mas assim muita gente gosta muito de verdade do nosso artesanato*”(Marlene de Araújo, entrevista realizada durante a pesquisa de campo, 2018, p.49) e “- *Não muito né, só quando vai pra fora assim, mais valorizado e o povo compra mais, que aqui ninguém se interessa pra comprar*” (Rosilaine Oliveira dos Santos, entrevista realizada durante a pesquisa de campo, 2018, p.51) deixam claro que o artesanato não tem a sua valorização em toda a comunidade, alguns dos moradores valorizam as peças que são produzidas, porém a valorização segundo eles veem de pessoas de outras cidades que conhecem o artesanato e que compram as peças que são produzidas por eles e expostas em eventos ou casa de vendas. Abaixo as entrevistas estruturadas em quadros.

COMUNIDADE: Serra das Viúvas.

LOCALIZAÇÃO: Água Branca, Alagoas.

RELATOS ORAIS:

Colaboradora 1: Maria Isabel, 76 anos, 22/05/2018.

PESQ: - Quando a senhora começou a fazer o artesanato?

COL 1: - *Quando eu comecei a fazer o artesanato, eu num fazia essas peças aqui, (mostrou a peça que ela estava fazendo) fazia chapéu...*

PESQ: - A senhora sempre trabalhou com o artesanato?

COL1: - *Trabalhava, trabalhava fazendo chapéu, bassoura... hoje a gente muda pra... Sim, eu fazia também bolsa, hoje mudou mais pra essa pecinha aqui (mostrando a peça), a gente muda faz outo, faz outo.*

PESQ: - Qual é o material utilizado para a confecção?

COL1: - *É, é palha de Ouricuri... ouricurizeiro... cipó também, e agora eu num faço não cipó, cipó. O cipó eu sei fazer, mas tem qui ir vê no mato, né? Eu num posso ir vê... a palha com palha de Ouricuri tem um fio meu qui sempre tira a palha e traz pra eu.*

PESQ: - De onde é retirada a materia prima?

COL 1: - *É da,... lugar qui tem isso aqui chama charneca pa frente, antes a gente ia in,ver no São Bento, terreno de R... hoje a bassora ra tamo farendo mais um pouquinho (galo cantando ao fundo) qui num tem saida e ramo rê pa banda do com mia fia (chegou a neta de M.I. para dar informações). É um, R. tinha, tinha qui ir escondido (risos) do fazendeiro. Agora, num sei tuntu tem um lugar lá qui a gente tirava muito, esse camarada num quer qui tire, mais mia fia vai inver mais bassora, aí vai ni um canto qui o dono deixa tirar.*

PESQ: - Como é feita a retirada?

COL1: - *Pa tirar, pa tirar lá de cima do pé? Lá de cima do pé, elas aqueles qui não alcança com o braço, tem um, uma a gente, a gente chama foice... engancha no pau, amarra no pau aí (galo cantando ao fundo) engancha o pau comprido que lá no ouricurizeiro tira, corta, quando puxa a foice é amolada corta. Se for pa tira, aí corta assim muita bassora, sendo pa tira, pa o (tossindo) essa daqui a cor (mostrando a palha). Aí tem o oinho tá lá só o olho só e fica a palhazinha certinha lá (galo cantando ao fundo) pa num machucar o pé de ouricurizeiro. Cundando qui tem gente qui diz. – Aí se corta as palhas já num bota o cacho, mas bota qui a gente aqui tem um pé de vez em quando a gente corta a palha e de vez o cacho tá aí. Mas tem gente num quer qui tire porque diz qui num bota a palha, sei lá. (galo cantando ao fundo).*

PESQ: - Tem cuidado na retirada da matéria prima?

COL1: - *É, é a gente machuca não. A gente tira direitinho pa no deixar..., quando a gente vai tirar, aí bate no oio dele, bate de abre fica um, um sempre costuma ter dois, né? A gente tira o maior e deixa o mais pequeno impezinho, oxente num instantinho cresce, pa depois inver de novo... agora se butar a foice pa cortar... estrai, a vez estraga o pequenininho qui nem serve. Nem pa ficar mai lá, nem pa gente trazer qui miudinho. Eu ia tirar aqui mai uma dona...chamava M.J. morreu já. Ela dizia B. cuidado pa num machucar o oinho (risos) eu digo – Sim muié eu seio (risos).*

PESQ: - O artesanato é valorizado?

COL 1: - *... a tá, tão valorizando, mas só qui... não tá tendo saída, antes... antes mais aí uns doi dia atraize (pausa para trançar a peça que estava fazendo) antes de do T. , o outo L. , D. convidava o povo lá do artesanato, elas mermo iam da feira (galo cantando) saía daqui ia vender na Brasilia, no São Paulo, nesse lugar por aqui, mas po perto de vez enquanto chamava, aí quando chamava, eram assim, era livre. Do o carro vinha pra levar, lá onde se hospedava, também não pagava, era agum canto que era, só recebia é então, era difícil num ser tudo po conta da impresa, da firma. Aí tinha cantos qui elas inda, inda só tinha só uma, uma armoço ou janta, aí ia po conta dela, inté qui saia alguma coisinha (criança conversando ao fundo) quando ela saia, quando ela ia, mas agora mia fia paro tudo... ela pedi aqui pra rua um bucadinho, pedi Piranha, tem também acho qui em Delmiro, mas se for esperar pá buta o prato na mesa quando vier esse dinheiro (risos) nego sofre. De primero não, bassora, chapeu, mia.. meu, minha mesa era garantida por aguma coisinha, feijão, farinha a gente sempre tem da roça, mais tinha qui ter uma mistura, mais aguma coisa qui a hente compra pra... o pano era tudo de bassora ou chapeu e de bosa. De primero era tudo mais mio de vende a bosa, quem queria fazer uams comprinhas tinha, se não tivesse a bosa compra né? Agora entra pro mercado vem as coisas tudo (risos) embalada ou se não outros compra mais um bucadunho e o mercado vem trazer, eita (risos) mas deu rui pa bosa (risos).*

PESQ: - Quais peças são confeccionadas?

COL1: - *Deixa eu ir vê ali um bucadin. Aqui a gente é essa daqui é cestinha, tô fazendo essa cestinha prua dona qui pediu dixé pra buta produto, uma coisa assim. Deixa eu mostrar (mostrou a cesta que estava fazendo e levantou para buscar umas bolsas que tinha sido feitas). As cesta dão ali na casa de farinha, essas aqui a gente fez pa R. qui mandou pedi 50 bolsa, mandou de volta, num se agradou, num se agradou, num saiu ingual, eu digo oh a gente num é tudo qui a gente faz, faz muito fica ingual, eu*

falo a minha, aqui foi eu qui fiz (mostrou a bolsa que ela tinha feito) eu num fiz, foi 50 pa fazer, eu fiz 25 mia fia ali embaixo fez 35 aí deu 50, aí num acho num sei se foi a dela qui num ingualou com a minha (risos) não ta ingual votou, agora qui também perdeu, porque esse paninho aí foi ele qui pagou pa botar (mostrou o pano que esta na frente da bolsa) num vejo o menino pa mandar ele inver a cesta ali. É faço bolsa, faz desse jeito aqui, faz ces... bolsa oval, cesta chama, cesta oval, pa quem gosta de leva pa feira pa fazer as compa e butar dento é bom né?. (galo cantando ao fundo)

PESQ: - Onde são vendidos os artesanatos?

COL1: - *Nonde a gente bota? Onde exemplo a gente bota um pouquinho na rua, um pouquinho nas Piranhas, em Delmiro, às vezes a gente vem aqui, agém vem, essa semana mermo (tossindo) semana passada mermo eu... vender... 90 real de coisa. E assim uma pecinha.*

PESQ: - O artesanato faz parte da cultura da comunidade?

COL1: - *Faz... (ficou em silêncio se concentrando na peça que estava fazendo).*

Colaboradora 2: Marlene de Araújo, 54 anos, 22/05/2018.

PESQ: - Quando a senhora começou a fazer o artesanato?

COL 2: - *Eu comecei fazer o artesanato desde criança, que na nossa época tinha nossa bizavó que ensinava, já fazia e ensinava pra nós. E ai tamo hoje aqui, né? Também querendo, né? Passar de geração para geração, nossas filhas, nossos netos, né? E bisneto que venha né? (risos) Tamo aqui pronta pra ensinar, pra deixar né? Pra os que virão, né? Se Deus quiser, esse é meu plano de vida, hein. E colocar a diante. (começou a tocar um som que ficou durante toda a entrevista).*

PESQ: - A senhora sempre trabalhou com o artesanato?

COL 2: - *É, sempre eu trabalhei. Antigamente a gente só fazia o que? Vassoura, chapéu, bolsa, né? É boca pio, essa que faziam feira com essas bolsa, querem é andar com elas pra praia, né? Pros banhos, mas antigamente a coisa, as bolsa era de feira... tá na cara, né? Que tão dando mais valor, né? (risos) ao artesanato.*

PESQ: - Qual é o material utilizado para a confecção?

COL 2: - *É a palha do Ouricuri, né? Pra bolsa, chapéu e vários tipos de cesta, é e várias é artesanato de decoração. Mas também a gente trabalha om o cipó.*

PESQ: - De onde é retirada a materia prima?

COL 2: - *A materia prima a gente retira aqui mermo, na é, na comunidade, mas também a gente vai pra mais longe, né? É no São Bento, na cobra, né? Tudo tem. É Estreito que a gente tira um pouco aqui e procura tirar mais longe que é pra ir descansando, né? Que a gente não pode é o material da gente, a gente sempre procura trabalhar num jeito sustentável, nós trabaia sustentabilidade, né? E não podemos, né? É tira e tira nós tem que tirar aqui, deixar descansar, né? Criar e vamo pra outro lugar é assim.*

PESQ: - *Como é feita a retirada?*

COL 2: - *Bom, é pode ser tirado de três em três mês, né? Mas sempre deixando o olho da palha, só, só que a gente passa mais tempo, tem já da pra tirar desse de três mês.*

PESQ: - *Tem cuidado na retirada da matéria prima?*

COL 2: - *Sim, nós tem que ter cuidado, porque como é que vai ser de nós, nós acabando com tudo, aí, tem que ter bastante cuidado. Quando a gente tira o cipó aquele pedacinho que a gente que vê, que pega deixa no cantinho, no tempo chuvoso a gente já tem esse cuidado. Apesar que cipó não acaba, quando a gente tira ele brota, quando ele é como capim, ele num vem só um galho... vem vários, a gente só não tem muito muito, porque de qualquer maneira, aqui quem tem seu pedacinho de terra, quer limpar para fazer a roça... e aí não tem com ter, assim com muita bundância não, por isso, mas não falta não, sempre que a gente vai tirar acha.*

PESQ: - *O artesanato é valorizado?*

COL 2: - *É, não aqui na comunidade. Eu mermo valorizo, mas tem pessoa que diz – Ah, nem ligo, mas assim muita gente gosta muito de verdade do nosso artesanato.*

PESQ: - *Quais peças são confeccionadas?*

COL 2: - *Oh, a gente faz balaio, cesta, luminária, é mandala, é roupeiro, lixeira, luminária já falei e vários produtos de decoração. De cidades, de casas, a gente recicla pneus, cadeiras, cadeira de balanço que quebra os, a gente recicla e os pneus a gente faz assim as bancadas, fica bem bonito, faz é cobre de cipó e depois um pufe em cima, no tamanho dele fica bem bacana.*

PESQ: - *Onde são vendidos os artesanatos?*

COL 2: - *A gente vende aqui em Água Branca, Piranha, é tem Olha D`água, Delmiro Gouveia e também Engenho São Lourenço e no mercado também tem. E a gente quando samo convidado pra essas feiras, grandes feiras, aí a gente vai. É em Maceió, Salvador, Recife, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo a gente vende, num foi não a gente*

manda, Florianópolis, só que agora isso era antes, hoje tá difícil entrou esse presidente que não quer nada com ninguém, né? Ficou muito difícil e aí tamo aqui só esperando por Deus e que ele saia e que nós bote um lá que vala a pena porque o que não dar valor pra nós brasileiro é bom que nós não deixe ele lá, nós tire.

PESQ: - O artesanato faz parte da cultura da comunidade?

COL 2: - *Sim, faz parte.*

PESQ: - De que forma faz parte?

COL 2: - *...Assim, nós samos pequeno agricultor, vamo dizer campezine, né? E não da o que tem a roça, não da o pra gente viver, mas hoje já tem a ajudar da, do artesanato, que nas horas vagas tamo fazendo, o bolsa família e aí com isso da pra gente e vivendo.*

Colaboradora 3: Isabel Oliveira dos Santos, 53 anos, 22/05/2018.

PESQ: - Quando a senhora começou a fazer o artesanato?

COL 3: - *Foi dei de criança, quando eu já sabia movimentar com a mão, já tava fazendo.*

PESQ: - A senhora sempre trabalhou com o artesanato?

COL 3: - *Sempre, sempre trabaiei.*

PESQ: - Qual é o material utilizado para a confecção?

COL 3: - *A gente tira lá na mata, tanto tira como planta.*

PESQ: - De onde é retirada a materia prima?

COL 3: - *Da mata, a gente tira num é em um canto só, é em vários, porque se a gente for tirar em um canto só, a pode matar né? E a gente não quer destruir, o como é se diz a mata né?.*

PESQ: - Como é feita a retirada?

COL 3: - *A gente corta assim do pé dele lá do chão, a gente deixa uns quatro dedos ou mais. (ela mostrou com a mão como eram os quatros dedos).*

PESQ: - Tem cuidado na retirada da matéria prima?

COL 3: - *Tem, tem num deixa ir simbora não... tem pessoas que não quer que a gente distrua mermo, mas a gente faz todo um jeito por causa que já morreu animais encanchados, né? Num lugar que tem muito arriscado a se encanchar os bichinhos e se acabar. Mas a gente faz de tudo possível pra deixar.*

PESQ: - O artesanato é valorizado?

COL 3: - *É.*

PESQ: - Pelo pessoal da comunidade?

COL 3: - *Não, o povo daqui mesmo não dão tanto valor não, da mais o povo de fora.*

PESQ: - Quais peças são confeccionadas?

COL 3: - *Que a gente faíze? Sempre é cesto, jarros, lixeiros, luminárias. (começou a tocar um som ao fundo).*

PESQ: - Onde são vendidos os artesanatos?

COL 3: - *Aqui em Água Branca, né? Piranhas, aonde o povo pedi a gente tá vendendo.*

PESQ: - O artesanato faz parte da cultura da comunidade?

COL 3: - *Faíze, porque desde que eu era criança que existia e aí a gente num ganha muito, né? Mais ganha aí um pouquinho pra comprar nem que seja o fato, o povo costuma dizer o fato. (risos).*

Colaboradora 4: Rosilaine Oliveira dos Santos, 20 anos, 29/08/2018.

PESQ: - Produz o artesanato?

COL 4: - *Hurum, produzimos.*

PESQ: - Quando começou a fazer o artesanato?

COL 4: - *Quer dizer eu? Acho que em 2010 (crianças ao fundo gritando).*

PESQ: - Sempre trabalhou com o artesanato?

COL4: - *Não, eu comecei, eu comecei a trabalhar quando , quando minha mãe começou a mim ensinar, aí eu ... comecei a fazer também alguma coisa.*

PESQ: - Qual é o material utilizado para a confecção?

COL4: - *Cipó, a palha e tem a gente sempre tira aquele jenipapo pra tingir a palha, coisas naturais, assim gente usa.*

PESQ: - O artesanato é valorizado?

COL 4: - *Não muito né, só quando vai pra fora assim, mais valorizado e o povo compra mais, que aqui ninguém se interessa pra comprar.*

PESQ: - De onde é retirada a materia prima?

COL 4: - *Do ... da mata.*

PESQ: - Como é feita a retirada?

COL 4: - *A gente tira com a faca.*

PESQ: - Tem cuidado na retirada da matéria prima?

COL 4: - *Tem, tem cuidado porque da próxima vez a gente pode ir lá de novo, tirar que vai ter.*

PESQ: - Quais peças são confeccionadas?

COL 4: - *É ... jarro, bolsa de palha, cesto e vários, se for falar tudo (risos) .*

PESQ: - Onde são vendidos os artesanatos?

COL 4: - *A gente sempre sai assim pra fora pra vender, pro... pra Maceió, Rio de Janeiro, esses cantos longe que o povo compra mais, porque aqui o povo não compra.*

PESQ: - O artesanato faz parte da cultura da comunidade?

COL 4: - *Faz.*

6.2 Análise de dados

Neste capítulo realizamos a análise de dados sobre o que foi produzido durante a pesquisa de campo sobre a comunidade quilombola serra das viúvas Água Branca Alagoas, tendo em vista o artesanato na sua visão cultural e a sustentabilidade. Essa pesquisa teve como objetivo analisar a produção do artesanato, assim como o seu processo histórico identificando o artesanato e compreendendo os seus aspectos culturais e identitários que estão presentes nas peças produzidas.

Através das entrevistas com quatro moradores da comunidade e que fazem parte da (AMAQUI) Associação das Mulheres Artesã Quilombolas Serra das Viúvas, percebe-se que o artesanato é presente no dia a dia dos moradores da comunidade quilombola serra das viúvas, fazendo presente na cultura e servindo como renda extra para as famílias da comunidade.

Após a realização de coletas das informações através dos relatos orais, percebe-se que na comunidade quilombola serra das viúvas o artesanato segundo as entrevistadas é passado de geração em geração como forma de mantêm viva essa cultura dentro da comunidade e na família, uma das entrevistadas em sua fala e expressões durante a entrevista transmitir o amor e a vontade de continuar passando para os futuros membros da sua família essa prática, mantendo viva essa tradição.

De início o artesanato era feito de maneira simples, eram confeccionadas bolsas para fazer feira e vassouras que seriam vendidas na feira livre da cidade. Com o tempo as peças produzidas pelos artesãos ficaram conhecidas na cidade, assim surgindo encomendas diversificadas, assim o artesanato foi ganhando detalhes a partir de cada encomenda que é feita, as encomendas vão de peças simples a peças sofisticadas para diferentes ocasiões.

A matéria prima utilizada na produção do artesanato vem da mata ao redor da serra das viúvas e de alguns lugares distantes da comunidade nos terrenos que encontram o cipó e a palha, o cipó é o mais retirado nesses terrenos, pois cresce nas cercas tomando conta de uma parte assim atrapalhando os donos nas criações, o que ocorre de algumas vezes os próprios donos dos terrenos procurem as pessoas da comunidade para fazer essa retirada.

De modo geral, o objetivo deveria ser o do estabelecimento de um aproveitamento, racional e ecologicamente sustentável da natureza em benefício das populações locais, levando-as a incorporar a preocupação com a conservação da biodiversidade aos seus próprios interesses, como um componente de estratégias de desenvolvimento [...]. (SACHS, 2009, p.53).

O artesanato segundo as entrevistadas não é valorizado pelos moradores da comunidade por fazer parte do cotidiano deles, a valorização acontece por pessoas de lugares que tem a visita e representação por parte das associadas que são convidadas para fazer parte de eventos e expor o artesanato. De acordo com Laraia (2009) a cultura é primordial para a formação da identidade de forma comunitária e afirmação através dos conhecimentos fazendo uso dentro do contexto ao qual esta envolvida.

Segundo relatos orais a comunidade possui uma consciência ambiental na retirada da matéria prima para a confecção das peças. Para que os artesãos possam ter sempre onde fazer essa retirada é necessário que se tenha um cuidado com o meio ambiente que os oferece a material para os artesãos possam continuar a produzirem as peças e dando continuidade a fabricação do artesanato, existindo todo um processo da retirada da matéria prima ao produto final.

Segundo fragmento da colaboradora 2 “-Eu comecei fazer o artesanato desde criança, que na nossa época tinha nossa bizavó que ensinava, já fazia e ensinava pra nós. E aí támo hoje aqui, né?” (Marlene de Araújo, entrevista realizada durante a pesquisa de campo, 2018, p. 48). É perceptível que a sustentabilidade é cultural, uma representação da sociedade, que é a cultura daquele povo como traz Igancy Sachs (2009) nos seus anexos “critérios de sustentabilidade” sobre o critério cultural no qual diz “- mudanças no interior da continuidade (equilíbrio entre respeito a tradição e inovação)” (SACHS, 2009, p. 85), “- autoconfiança

combinada com abertura para o mundo” (SACHS, 2009, p. 86). Assim o critério cultural como mudança entre o que é tradição de um povo e a abertura para obter novos conhecimentos. Fragmento da entrevista da colaboradora 3 informando que o artesanato faz parte da cultura da comunidade. “- *Faize, porque desde que eu era criança que existia*”[...] (Isabel Oliveira dos Santos, entrevista realizada durante a pesquisa de campo, 2018, p.51).

- A gente vende aqui em Água Branca, Piranha, é tem Olha D`água, Delmiro Gouveia e também Engenho São Lourenço e no mercado também tem. E a gente quando samo convidado pra essas feiras, grandes feiras, aí a gente vai. É em Maceió, Salvador, Recife, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo a gente vende, num foi não a gente manda, Florianópolis, só que agora isso era antes, hoje tá difícil entrou esse presidente que não quer nada com ninguém, né? Ficou muito difícil e aí tamo aqui só esperando por Deus e que ele saia e que nós bote um lá que vala a pena porque o que não dar valor pra nós brasileiro é bom que nós não deixe ele lá, nós tire. (Marlene de Araújo, entrevista realizada durante a pesquisa de campo, 2018, p. 49).

É possível observar em fragmentos das entrevistas o viés político quanto a falar dos entrevistados no que diz respeito sobre melhoria para a comunidade, citando políticos que de forma indireta interferem na saída dos artesanatos da comunidade para participação de feiras de artesanatos e exposição em lugares distantes, assim havendo uma dificuldade na comercialização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho teve como objetivo compreender o artesanato da comunidade serra das viúvas Água Branca- Alagoas em sua forma e produção. Os resultados obtidos a partir da história oral foram fundamentais para compreender a forma que é feito o artesanato na comunidade, e de que forma esse artesanato é produzido. As informações coletadas e as entrevistas foram pontos motivais para esse entendimento.

Nas entrevistas que foram feitas com quatro moradores, foi possível observar que o artesanato tem sua valorização, de forma que essa valorização não acontece por todos os moradores da comunidade, pois para eles o artesanato faz parte do seu cotidiano, assim a valorização acontece por pessoas de fora da comunidade, nas cidades em que o artesanato é vendido e por pessoas que conhecem o artesanato da comunidade em eventos nos quais os artesãos são convidados a expor o artesanato.

Os resultados obtidos possibilitou compreender o artesanato na sua importância, a forma que é visto por aqueles que conhecerem o artesanato e todo o seu processo de matéria prima, retirada e confecção das peças que são feitas em sua maioria nas casas de cada artesão e na casa de farinha, caso a encomendar seja de grande quantidade, os artesãos se reúnem para que possa dar conta de toda a encomenda.

A pesquisa de campo trouxe uma aproximação com as pessoas da comunidade, assim foi possível estar presente durante a produção de algumas peças, vendo a matéria prima que é utilizada o seu processo antes da produção das peças até o resultado final. Essa pesquisa trouxe conhecimentos acerca do artesanato que vão além das peças produzidas, possibilitou conhecer o processo que se dá a partir da retirada da matéria prima, a preparação das palhas e cipó para que fiquem prontas para assim poder ser utilizada na produção do artesanato dando forma as peças pelas mãos dos artesãos.

Um trabalho que acontece em torno de cada família da comunidade, na qual se reúnem em suas áreas ou quintais para trabalharem em conjunto na produção do artesanato em meio às conversas, risadas e conhecimento que é passado de pais para filhos dentro de suas repetíveis possibilidades de manuseamento da matéria prima para o aprendizado.

Os relatos deixam explícitos os valores da serra das viúvas enquanto comunidade ativa em sua comunidade, enquanto comunidade reconhecida e certificada quilombola. Esse reconhecimento trouxe uma visibilidade para a serra das viúvas ficando conhecida em diferentes lugares.

Na serra das viúvas o artesanato vai além das peças que são produzidas pelas mãos dos artesãos que dão forma ao cipó e a palha que são a principal matéria prima para a produção artesanal da comunidade. Em meio às produções que acontecem, os artesãos tem em seu consciente a preocupação com o meio ambiente do qual é retirada toda a matéria prima que é utilizada por eles, possuindo assim uma visão sustentável que gira em torno daqueles que trabalham com o artesanato, sendo uma herança cultura passada por toda uma geração, fonte de renda extra para as famílias e resistência do povo quilombola.

É através do seu trabalho artesanal e associação que os moradores lutam pelos seus direitos, pessoas que vão à busca de melhoria para seu todo, sem deixar-se abater pelas dificuldades encontradas no caminho. Durante todo o processo de pesquisa foi possível observar nas falas e expressões das pessoas o quanto eles tem amor no que faz, algumas pessoas continuaram fazendo o artesanato como terapia.

Durante a pesquisa de campo algumas informações deixa a se pensar em relação a alguns pontos que foram trazidos como se auto reconhecer como quilombola, as diversas histórias sobre o porquê do nome da comunidade ser serra das viúvas e no que se diz respeito ao conhecimento de seus direitos enquanto pessoa e comunidade.

Ficou explícito que a questão ambiental é perceptível no projeto Caminho Verde, com relação à questão cultural é percebida com a valorização das pessoas com o artesanato. Existe uma complementariedade da dimensão da sustentabilidade e da cultura, ambas coexistem. É válido ressaltar que uma não sobrepõe a outra, tendo em vista que na produção as artesãs tem o cuidado com as questões ambientais e na comercialização o valor cultural é um artifício simbólico dos produtos. Assim, a valorização cultural tanto por parte da comunidade da própria serra das Viúvas e até da comunidade externa explicita essa dimensão da cultura que o artesanato da serra das viúvas possui. Ou seja, os produtos constitui uma cultura própria daqueles remanescentes de quilombo e nesse artesanato percebem-se outros valores, dentre eles a preocupação com as questões ambientais, inclusive institucionalmente, o resgate tradicional e principalmente uma lógica transgeracional onde o processo de ensino-aprendizagem passa de geração em geração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SACHS, Ignacy: **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. In: STROH, Paula Yone (Org.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 96 p.
- EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. 2000; Tradução Sofia Rodrigues. Revisão: Levi Condinho. 1º edição em março de 2003.
- LARAIA, Roque de Barros, 1932-1.331c. **Cultura: um conceito antropológico / Roque 14**. Ed. de Barros Laraia.- 14.ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais 1941/Pedro Demo**. -ed. rev. e ampl. – 14. Reimpr. -São Paulo: Atlas, 2011.
- LEFF, Enrique, **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder / Enrique Leff**; tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 8. Ed. – Petrópolis, RJ: vozes, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo Das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- FARIAS, Ana Márcia Ferreira de. **Quilombos alagoanos contemporâneos: uma releitura da história/ Ana Márcia Ferreira de Farias. {et all.} Recife. Bagaço, 2007.**
- BURKE, Peter, 1937- **O que é história cultural? / Peter Burke**; tradução Sergio Goes de Paula. -2. ed. .rev. e ampl.-Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- SOUZA, Maria Helena de, **A comunidade Serra das Viúvas em Água Branca - AL e a concordância Verbal de terceira pessoal do plural / Maria Helena de Souza**. – 2017.
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autentica, 2012.
- CERTEAU, Michel de. A beleza do morto. In: **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade – **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 7.ed. – 5. Reimpr. –São Paulo: Atlas, 2011.

Artigo - JACOBI, Pedro. **Meio Ambiente e Sustentabilidade**: O complexo Desafio da Sustentabilidade.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Disponível em: <http://www.iteral.al.gov.br/dtpaf/comunidades-quilombolas-de-alagoas/comunidades-quilombolas-de-alagoas> Acesso em 02 de maio de 2018.

Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/agua-branca-a-antiga-mata-pequena.html> Acesso em 21 de agosto de 2018.

Artigo - ROMERO, Fanny Longa “**Fazer artesanato para fazer a roça**”: apropriações e usos de recursos naturais na Comunidade Quilombola da Serra das Viúvas, sertão alagoano¹. Fanny Longa Romero, UNIOESTE/PR.

BARROS, Roseane Feitoza de. . **Diálogos entre a toponímia e a história das comunidades quilombolas de Água Branca- AL**/ Roseane Feitoza de Barros. 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom, **História oral**: como fazer, como pensar /José Carlos Sebe Bom Meihy, Fabíola Holanda.- 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes, **Usos & abusos da história oral**/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. – 8. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANEXOS

Anexo 1: Termo de consentimento livre e esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa”
(Resolução CNS. 466/12)

Eu, _____, tendo sido convidado(o/a) a participar como voluntário (o/a) do estudo Artesanato da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas Água Branca- AL: cultura e/ou sustentabilidade? recebi da Sra. Graduanda Izabela Souza Teixeira Lima, do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, UFAL, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclareceremos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa é de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes: a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos; b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Delmiro Gouveia - AL, ____ / ____ / ____ de 2018.

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntário(o,a) entrevistado

Anexo 2: Termo de consentimento livre e esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa”
(Resolução CNS. 466/12)

Eu, Marlene de Araújo, tendo sido convidada(o/a) a participar como voluntária(o/a) do estudo Artesanato da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas Água Branca- AL: cultura e/ou sustentabilidade? recebi da Sra. Graduanda Izabela Souza Teixeira Lima, do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, UFAL, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclareceremos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa é de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes: a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos; b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Delmiro Gouveia - AL, 22/05/ de 2018.

Marlene de Araújo
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntária(o,a) entrevistado

Anexo 3: Termo de consentimento livre e esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa”
(Resolução CNS. 466/12)

Eu, Izabel Oliveira dos Santos tendo sido convidad(o/a) a participar como voluntári (o/a) do estudo Artesanato da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas Água Branca- AL: cultura e/ou sustentabilidade? recebi da Sra. Graduanda Izabela Souza Teixeira Lima, do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, UFAL, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclareceremos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa é de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes: a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos; b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Delmiro Gouveia - AL, 22/05/ de 2018.

Izabel Oliveira dos Santos
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) entrevistado

Anexo 4: Termo de consentimento livre e esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa”
(Resolução CNS. 466/12)

Eu, Rosilaine Oliveira dos Santos, tendo sido convidad(o/a) a participar como voluntári (o/a) do estudo Artesanato da Comunidade Quilombola Serra das Viúvas Água Branca- AL: cultura e/ou sustentabilidade? recebi da Sra. Graduanda Izabela Souza Teixeira Lima, do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, UFAL, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que os riscos que este estudo pode designar são os seguintes: incômodo de tempo para responder o questionário e/ou constrangimento em responder as perguntas. Para tornar mínimo o risco citado, será permitido ao participante escolher o momento ideal para responder ao questionário e participar da entrevista. Esclareceremos que o participante terá todo o direito de recusar-se a responder qualquer pergunta que considere constrangedora. Informaremos que os dados coletados para a pesquisa é de caráter sigiloso e os participantes serão codificados.
- Que os resultados que se desejam alcançar com a minha participação são os seguintes: a) publicações de autoria dos pesquisadores dos projetos; b) preparação de alguns artigos a serem publicados em periódicos.
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Delmiro Gouveia - AL, 29/08 / _____ de 2018.

Rosilaine Oliveira dos Santos
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) entrevistado